

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

VIRGÍLIO GRUPPI ROSA

**O IMPACTO DAS TECNOLOGIAS NAS REDAÇÕES:
COMO A INFORMATIZAÇÃO MODIFICOU A ROTINA PROFISSIONAL DOS
JORNALISTAS**

JUIZ DE FORA, 2.º Sem. 2005.

VIRGÍLIO GRUPPI ROSA

O IMPACTO DAS TECNOLOGIAS NAS REDAÇÕES:
COMO A INFORMATIZAÇÃO MODIFICOU A ROTINA PROFISSIONAL
DOS JORNALISTAS

Trabalho de conclusão de curso de
graduação em Comunicação Social.
Universidade Federal de Juiz de Fora,
Faculdade de Comunicação Social.
Orientadora Acadêmica: Professora
Ms.Teresa Neves.

Juiz de Fora, 2.º Sem. 2005.

VIRGÍLIO GRUPPI ROSA

O IMPACTO DAS TECNOLOGIAS NAS REDAÇÕES:
COMO A INFORMATIZAÇÃO MODIFICOU A ROTINA PROFISSIONAL
DOS JORNALISTAS

Trabalho de conclusão de curso de
graduação em Comunicação Social.
Universidade Federal de Juiz de Fora,
Faculdade de Comunicação Social.

Data de aprovação: ____/____/____

Profa. Ms. Teresa Neves (orientadora)
Universidade Federal de Juiz de Fora

Profa. Dr. Iluska Coutinho (convidada)
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Carlos Pernisa Júnior (convidado)
Universidade Federal de Juiz de Fora

Para meus pais, Milton e Vera,
que viabilizaram muitos dos meus sonhos
e mostram que a dedicação e o sucesso são a mesma coisa.

AGRADECIMENTOS

A professora Teresa Neves, orientadora acadêmica desta monografia, pelos preciosos conselhos que tiveram um papel salutar na definição da rota a ser seguida. Sem os quais, dificilmente avançar-se-ia além das primeiras linhas.

A Geraldo Muanis, pela atenção e preocupação.

A Kátia Dias pela simpatia com que atendeu nossos pedidos.

A Paulo César Magella e Denise Gonçalves, por cooperarem com informações valiosas para esta monografia.

A professora Marise Mendes pela valorosa ajuda na normatização.

Aos professores Iluska Coutinho e Carlos Pernisa Júnior, pela compreensão e colaboração.

RESUMO

Palavras-Chave:

Jornalismo impresso, imprensa juizforana, informatização.

As mudanças ocorridas na imprensa brasileira nas últimas décadas provocaram profundas conseqüências no modo de se produzir jornal. Discutir e analisar os impactos provocados pela informatização das redações no processo de produção jornalística é o objetivo do presente estudo. A chegada dos terminais mexeu com o cotidiano dos jornalistas, ocasionando transformações espaciais, existenciais e profissionais. A apuração, a redação e a edição também sofreram modificações que otimizaram procedimentos e modificaram posturas. A experiência da mudança vivida pelo jornal juizforano *Tribuna de Minas* e o surgimento do jornal *Panorama*, que já nasce informatizado, complementam o trabalho traçando um paralelo entre as experiências da imprensa local e as da nacional. Inicialmente, motivo de polêmicas, o computador torna-se, nas últimas duas décadas, uma ferramenta essencial na produção de um jornal. Seja para escrever um texto, fazer uma pesquisa ou editorar uma página, o virtual passou a fazer parte da vida dos jornalistas.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO

2 DO PAPEL À TELA

2.1 Mudanças espaciais

2.2 Mudanças existenciais

2.3 Mudanças profissionais

3 TECNOLOGIA E PRODUÇÃO

3.1 A apuração

3.2 A redação

3.3 A edição

4 A EXPERIÊNCIA DA MUDANÇA

4.1 Tribuna de Minas

4.2 Jornal Panorama

5 CONCLUSÃO

6 REFERÊNCIAS

7 APÊNDICES

7.1 Entrevista – Denise Gonçalves

7.2 Entrevista – Geraldo Muanis

7.3 Entrevista – Kátia Dias

7.4 Entrevista – Paulo César Magella

1 INTRODUÇÃO

Motivo de polêmicas, o computador antes de ser tido como aliado, foi visto como inimigo. Revolta, demissões, manifestações e até greves tiveram lugar durante a informatização das redações. Já no início, o conflito esteve presente numa relação ambígua de amor e ódio. Aliado, temido, exaltado, desprezado e atacado, o computador chegou de maneira lenta às redações e, aos poucos, foi conquistando o seu lugar. Sobrepôs-se às máquinas de escrever e dominou as redações. Climatização, novos móveis, mudança de hábitos. Ele impôs um novo cenário, uma nova rotina.

No princípio, os recursos eram limitados e os jornalistas se perguntavam por que teriam que usar aquela máquina. Mas, ao longo dos anos, eles evoluíram. Tais recursos foram cada vez mais aprimorados, até o momento em que todo o processo de produção do jornal é realizado com o uso do computador. Desde a pesquisa de pauta até o fechamento da edição. Todas as informações são registradas e movimentadas em uma rede invisível.

Discutir e analisar quais foram os impactos gerados por esse processo no dia-a-dia do trabalho jornalístico das redações é o desafio deste trabalho. O tema é de indiscutível importância para o jornalismo, já que, modificadas as ferramentas de trabalho, profundas transformações ocorreram no exercício da profissão. Após 21 anos do início da implementação dos primeiros computadores nas redações brasileiras, cabe indagar o que somente o distanciamento histórico é capaz de proporcionar, os efeitos gerados por este movimento.

O tema tem sido motivo de discussão no Brasil desde a década de 80. Um dos pioneiros nesse debate foi o jornalista e professor, Carlos Eduardo Lins da Silva, que, em 1988, lançou o livro *Mil Dias: os bastidores da revolução em um*

grande jornal, que retrata o período inicial de implantação do novo projeto editorial da *Folha de S. Paulo*, com a chegada dos primeiros terminais à redação. Coincidentemente, neste ano de 2005, quando o presente trabalho estava em fase de conclusão, fomos surpreendidos com o relançamento de *Mil Dias: seis mil dias depois*. Em que Carlos Eduardo Lins da Silva reedita o texto original, acrescentado a ele um novo capítulo, que faz uma avaliação dos seis mil dias depois dos mil dias iniciais da implementação do projeto *Folha*. Sinal de que as discussões acerca do tema ainda são relevantes entre os estudiosos, mesmo depois de duas décadas do início do processo.

A escolha do assunto se deve à sincera vontade de entender quais foram os impactos, entre os jornalistas, de uma mudança tão radical quanto foi o processo de informatização da imprensa. O jornalista viu o trabalho de produção do jornal modificar-se completamente. Hoje, não se pode mais imaginar uma volta ao passado, ao tempo das máquinas de escrever. Como tudo isso assimilado pelos profissionais e como estes passaram a encarar esta nova realidade em suas tarefas cotidianas? Entender esse processo será importante para quem almeja uma carreira como jornalista. Ao estudar o tema, espera-se entender melhor a profissão.

Para dotar o estudo de uma abrangência adequada, procurou-se ler as escassas publicações existentes no mercado editorial brasileiro sobre o assunto. Por meio de pesquisas na Internet, pôde-se ter acesso a textos atuais, reunindo estudos mais recentes sobre os impactos verificados nas redações, desde o processo de informatização. Visitas às redações dos jornais juizforanos *Tribuna de Minas* e *Panorama* também se fizeram necessárias. Entrevistas com jornalistas da cidade que viveram essa fase de transição também foram de grande importância.

Desde que os primeiros computadores chegaram às redações, o jornalista se viu diante de novas perspectivas. Teve que se adaptar às novas circunstâncias. Nova redação, novos conceitos, novo jeito de se fazer jornal. A princípio, o impacto foi grande para a maioria dos profissionais, que não entendiam em que aquela máquina poderia facilitar seu trabalho.

As mudanças ocorridas na imprensa brasileira, nas últimas décadas, provocaram profundas conseqüências no modo de se produzir jornal. Discutir e analisar os impactos provocados pela modernização das redações no processo de produção jornalística é o objetivo do presente estudo. Pretende-se entender até que ponto as mudanças de ferramentas interferiram no trabalho jornalístico, de que maneira o dia-a-dia em uma redação foi afetado pela introdução dos computadores.

A experiência da mudança vivida pelo jornal juizforano *Tribuna de Minas* e o surgimento do jornal *Panorama*, que já nasce informatizado, complementam o trabalho, permitindo que se estabeleça uma comparação entre as experiências da imprensa local e as vivenciadas nos jornais de alcance nacional.

O primeiro capítulo deste trabalho discute o processo evolutivo marcado pela transição do papel para a tela. As mudanças foram divididas em espaciais, existenciais e profissionais. O que aconteceu nestas três esferas com a introdução dos computadores no cotidiano dos jornais é descrito e analisado.

Já o segundo capítulo trata das relações entre a tecnologia e a produção. Como a apuração, a redação e a edição de jornais foram modificadas pelo uso da tecnologia. De que maneira estas etapas do processo de produção jornalística se transformaram com as novas ferramentas? Quais foram às novas diretrizes de trabalho impostas?

No terceiro e último capítulo, as experiências de jornais juizforanos são destacadas. Por meio de depoimentos, procura-se resgatar o percurso da *Tribuna de Minas*, que vivenciou essa transformação e hoje tem sua redação totalmente informatizada. O jornal *Panorama*, apesar de não ter vivido o processo de transição, também é estudado, só que de uma outra perspectiva, já que chega ao mercado com sua redação tecnologicamente equipada com o que havia de mais avançado na época de sua inauguração.

2 DO PAPEL À TELA

As mudanças ocorridas na imprensa brasileira nas últimas décadas provocaram profundas conseqüências no modo de se produzir jornal. Este capítulo pretende discutir e analisar os impactos provocados pela modernização das redações no processo de produção jornalística. Baseamos a análise em três níveis básicos de transformações: as mudanças espaciais, as existenciais e as profissionais.

As mudanças espaciais trouxeram novas concepções para o *habitat* do jornalista. A redação deixa de ser um lugar sombrio e quente, para dar lugar a um espaço planejado arquitetonicamente, bem iluminado, com sistema de ar condicionado. Um ambiente limpo, inodoro e rodeado de computadores. Tudo é minuciosamente estudado e planejado.

As mudanças existenciais são àquelas referentes à relação do jornalista com o seu trabalho. Acostumando à sua máquina de escrever, numa mesa repleta de papéis, o profissional é lançado num mundo virtual, onde não há mais papéis, mas sim uma rede, sem núcleo, que interliga tudo e todos. O trabalho jornalístico transforma-se com a chegada das inovações tecnológicas. Até mesmo a vocação para o ofício entra em discussão: o jornalista está em crise. A resistência ao novo e o conservadorismo de boa parte dos profissionais geram polêmica em muitas redações. O choque cultural provocado pela implantação de sistemas informatizados no ambiente de trabalho inaugura uma nova rotina. Acostumado a investigar, ir atrás das fontes, para desempenhar seu papel de produtor de informações, o jornalista se vê, como nunca, assediado por assessorias e outras fontes institucionais, agora,

elas próprias aptas a produzir e fazer circular seus conteúdos, jornalísticos ou não. A legitimidade do jornalismo passa a ser questionada.

Demissões, eliminação de etapas no processo produtivo, aumento de trabalho e de responsabilidades. Estas são algumas das mudanças profissionais que ocorreram com a introdução das novas tecnologias nas redações. Em contra-partida, surgem novos ofícios, como o de paginador eletrônico.

A profissão passa por um período de crise. O jornalista muda sua forma de ver o mundo. O mundo muda a maneira de ver o jornalista.

2.1 Mudanças Espaciais

O repórter chega à redação, senta-se à sua mesa, vai começar mais um dia de trabalho. À sua frente, uma Remington o espera para as primeiras palavras do dia. De um lado, uma pilha de papéis e, sobre ela, um cinzeiro. Do outro, um velho telefone, folhas de papel, carbono, cliques, mais papéis, uma xícara com café frio, resto da madrugada do dia anterior. As gavetas de sua mesa estão repletas de documentos, números de telefones de fontes, maços de cigarro. Na redação, um calor insuportável. Dezenas de repórteres, amontoados em suas mesas, trabalham sob o badalar das máquinas de escrever. O ar mistura odor de cigarro e café. É impossível sair de lá sem que a roupa leve consigo o cheiro característico daquele lugar.

O ritmo lembra o de uma orquestra, cuja música é entoada por gritos, gargalhadas, e campainhas de telefone. O papel carbono trai sempre os mais desatentos, pois tinge mesas, telefones, paletós, mangas de camisa, dedos, mãos e rostos.

O secretário de redação aproxima-se e, categórico, solicita ao nobre repórter que faça uma matéria de política. Passadas algumas horas, depois de se deslocar a pé até a Câmara de vereadores, fazer uma extensa lista de ligações, ler um amontoado de documentos e de subir os degraus da escada que levam ao terceiro andar onde funciona a redação, ele pára, pega um café, senta-se à sua mesa. Na máquina de escrever, uma folha de papel, um carbono entre duas páginas em branco. Ele acende um cigarro e começa a escrever. Finalizado, o texto é enviado ao *copy desk*, que reescreverá a matéria. O editor analisa e o encaminha para os diagramadores, que desenham a página. No primeiro andar do prédio, onde fica a gráfica, o jornal será rodado.

Este ambiente sombrio, quente, desorganizado, multicolorido, barulhento e de cheiro característico, vai ser modificado, gradualmente, com a introdução dos computadores na redação.

No espaço físico das redações a tecnologia introduziu limpeza – desapareceram as centenas de laudas amassadas no chão, sumiram as caixas de papel carbono para as cópias necessárias para a linha de produção. Até mesmo o cafezinho e o cigarro se renderam à tecnologia, uma vez que os terminais ficam prejudicados com farelos e ambientes poluídos. Mudou também a iluminação e a temperatura do ar. Se antes do computador era inimaginável uma redação com ar condicionado e persiana nas janelas, hoje isso é rotina e já está incorporado ao dia-a-dia (BALDESSAR, 2005, p. 3).

Neste novo ambiente não há mais lugar para jornalistas debruçados sobre suas máquinas de escrever. Agora o ambiente é limpo, 'clean'. Arquitetos projetam um cenário em que tudo se encaixa, computadores, flores, paredes brancas, aparelhos telefônicos e, claro, jornalistas, peças da engrenagem posta em funcionamento para a execução de tarefas específicas, que culminarão no produto final, o jornal.

O processo de informatização das redações teve início no final da década de 60 e início da de 70 em nível mundial. No Brasil, a *Folha de S. Paulo* foi a

pioneira, primeiro jornal do país a introduzir os terminais de computador em sua redação no início dos anos 80. Anos mais tarde, os jornais *O Globo*, o *Diário Catarinense*, *A Tribuna*, o *Zero Hora*, e *O Estado de S. Paulo* também ingressaram a nova era do jornalismo.

Maria Baldessar destaca, em artigo da revista *Imprensa*, os depoimentos das jornalistas Astrid Fontenelle e Débora Chaves, que descrevem as mudanças na redação em virtude da informatização de *O Globo*.

...hoje as persianas amarrotadas foram substituídas por um moderno sistema de iluminação que inclui um requinte inimaginável: calhas especialmente desenhadas, cujos focos de luz só iluminam as mesas dos terminais, sem reflexos nos olhos ou nas telas (...) um sistema de ar condicionado central acabou com o clima tropical que sufocava (...) e a sinfonia das pretinhas deu lugar a um silêncio cibernético, propiciado pelos 140 terminais e suas 138 teclas (...) e a limpeza, nada de montanhas de papel (BALDESSAR, 2003, p. 16).

Gradativamente, as máquinas de escrever foram sendo substituídas pelos terminais de computador. Essa mudança culminou em uma transformação do ambiente redacional, pois as novas tecnologias exigiam uma atmosfera favorável a sua implementação. Primeiro, a proibição do cigarro, que interferiria no funcionamento das máquinas. Segundo, o café, atraente para insetos, que poderiam danificar o equipamento. Os jornalistas, em sua maioria, viciados num e noutro, se vêem banidos de seus velhos companheiros. As tecnologias começam a modificar o seu cotidiano e, conseqüentemente, o seu trabalho.

As mesas tiveram que ser substituídas por outras, mais apropriadas à acomodação dos terminais. Sistemas de ar condicionado tiveram que ser instalados para manter a temperatura adequada do ambiente, de modo a não interferir no bom funcionamento dos *hardwares*. Não é mais necessário subir pelas escadas, elevadores são instalados para dar maior comodidade aos jornalistas.

A mesa de trabalho passa a se chamar “baia”. Em cada uma delas, estão instalados um telefone e um terminal. Vista de longe, a redação mais parece um quebra-cabeça de peças proporcionais milimetricamente encaixadas, compondo um mosaico perfeito.

Mas esta transição não foi tranqüila, muitos problemas aconteceram neste período de adaptação. Carlos Eduardo Lins da Silva conta que o processo de modernização do jornal *Folha de S. Paulo* passou por várias dificuldades, sendo uma delas a adaptação do mobiliário.

Tentava-se, por razões econômicas, adaptar as mesas utilizadas pelos jornalistas nos tempos das máquinas de escrever. Mesmo diante da evidência da impossibilidade da tarefa, foram necessárias semanas de argumentação e dezenas de comunicados para que se resolvesse pela fabricação de novas mesas, as quais ainda assim têm um design que nem de longe oferece funcionalidade e conforto a seus usuários (SILVA, 1988, p. 62).

Aos poucos, as mudanças instalam um novo cenário para o trabalho jornalístico. Com a nova arquitetura da redação, o jornalista vê seu espaço ganhar novos formatos. Carlos Eduardo Lins da Silva acrescenta detalhes sobre as modificações introduzidas na redação da *Folha de S. Paulo* para receber os novos terminais.

As paredes da redação cobertas com pastilhas coloridas que dificultavam a visão foram pintadas em tom neutro, um novo e moderno sistema telefônico foi instalado, um novo piso foi colocado na redação, equipamento fotográfico sofisticado foi adquirido para o uso dos repórteres fotográficos e essas modificações dos primeiros seis meses prosseguiram ao longo dos anos seguintes, com a reaproximação física dos repórteres aos editores, criação de novas salas de reunião, instalação de um sistema de ar condicionado na redação, entre outras medidas (SILVA, 1988, p.83).

Estima-se que a *Folha* tenha gasto US\$ 4,5 milhões na primeira fase de informatização. Carlos Eduardo Lins da Silva, em entrevista a Ruth Viana, explica como foi o processo de informatização da *Folha de S. Paulo*.

A informatização da *Folha* deu-se mais ou menos como tudo que ocorre no Brasil: não foi planejada, prevista como era de se esperar

e desejar. Basicamente, foi feita aos poucos, por editorias. Num primeiro momento, só algumas editorias e a Ilustrada é que foram informatizadas. E ali é que foi feita uma espécie de teste geral. A partir dos sucessos e insucessos da Ilustrada, a coisa foi se estendendo para as outras editorias do jornal, sucessivamente, até que toda a redação já estivesse funcionando com o computador (VIANA, 1992, p.33).

Mas as mudanças nas redações não pararam por aí. A introdução dos terminais fez nascer novos conceitos, como o de rede. As máquinas de escrever eram ferramentas isoladas, ou seja, cada texto estava restrito àquele que o datilografava. Com a informatização, o sistema de informação se ramifica, sem ter um centro ou um núcleo. Dispersa e descentralizada, a rede é capaz de se reproduzir em cada um dos terminais, que a compõem.

A realidade concreta do ambiente de trabalho incorpora a imagem luminosa das telas e seu conteúdo impalpável, virtual. Desaparecem velhos arquivos e o hábito de arquivar cópias impressas de matérias produzidas é extinto. Não há mais o “testemunho da existência conferido pela ocupação de espaços” físicos reais. Agora está tudo destinado “à inconfiabilidade dos disquetes e discos rígidos” (MARCONDES FILHO, 2000, p.51).

Para Marcondes Filho esse processo tem conseqüências profundas:

A supressão dos territórios (o ambiente de trabalho, as prateleiras, os arquivos de aço ou de madeira), mas também de ‘peças’ que ocupem esses territórios, repercute como uma verdadeira amputação, cuja prótese acaba sendo oferecida nos espaços virtuais, o que não é a mesma coisa (MARCONDES FILHO, 2000, p.51).

Ainda segundo este autor, o conforto do mundo das coisas e das sensações vividas sem a mediação de aparelhos é diferente daquele proporcionado pelo ambiente virtual. A praticidade e a rapidez alcançadas com a virtualização podem ser caras, seu preço é o aumento da insegurança e do desespero.

2.2 Mudanças Existenciais

De um modo geral, o jornalista não recebeu bem a introdução dos computadores na redação. A resistência inicial foi muito grande. Acostumados ao barulho e à presença das 'pretinhas' (apelido carinhoso dado às máquinas de escrever), os profissionais não acharam interessante, de início, trocar a datilografia pela digitação.

Um certo romantismo que acompanha a profissão desde suas origens pode ser visto como um dos elementos que desestimulavam os jornalistas a aceitar aquele novo instrumento de trabalho. Desde o advento da imprensa, pelas mãos de Gutenberg no século XV, os instrumentos utilizados na profissão sofreram inúmeras modificações. Relatos dão conta de que, quando o jornalista teve que deixar de escrever à mão e passar pelo incômodo de datilografar seus textos em máquinas de escrever, também houve muita resistência (SILVA, 1988).

As máquinas de escrever surgiram no século XVIII, mas só chegaram às redações brasileiras em meados de 1938, por meio de um acordo bilateral entre Estados Unidos e Brasil para o desenvolvimento de alguns produtos. Até este período, os jornalistas brasileiros, em sua grande maioria, ainda compunham seus textos à mão. De acordo com João Anísio Netto, redator de *O Globo* entre 1936 e 1945, no livro *A mudança Anunciada*, "o jornal adquiriu quatro máquinas de escrever, usadas apenas pelos auxiliares de redação que redigiam pequenas notas, o obituário e convites. Os grandes jornalistas traziam as matérias prontas" (NETTO apud BALDESSAR, 2003, p. 41).

A evolução dos parques gráficos brasileiros contribuiu para a compra de mais máquinas de escrever. Os textos datilografados passaram a ser apreciados

pelos revisores, pois agilizavam o trabalho, já que não era necessário decifrar os garranchos de alguns jornalistas. A máquina, então, passou a ser amplamente usada e a datilografia substituiu a escrita à mão.

No caso do computador, o impacto e a velocidade das mudanças foi muito maior. Carlos Eduardo Lins da Silva, descreve a insegurança dos jornalistas da *Folha de S. Paulo* ao enfrentarem as transformações radicais que rompiam com o passado.

A eliminação da máquina de escrever, do papel, aprender a lidar com o teclado, dominar os terminais, entrar nesse mundo absolutamente novo da informática foram situações penosas para uma categoria que em si mesmo é conservadora e arrogante (SILVA, 1988, p. 55).

O choque cultural gerado por estas transformações foi de proporções nada desprezíveis e levou o jornalista a experimentar sensações que o deixou em estado de perplexidade diante das modificações e novidades.

Os primeiros computadores instalados eram restritos em termos de recursos. Mas, devido a resistência, poucos jornalistas conseguiam explorar as potencialidades que a eles era agora oferecida. No caso da *Folha de S. Paulo*, primeiro jornal brasileiro a informatizar sua redação, os relatos são de que pouquíssimos profissionais assimilaram, na primeira fase, as novas ferramentas. O computador era usado somente para digitar o texto.

A maioria dos jornalistas que operam em terminais na redação está longe de lhes explorar todas as potencialidades, tratando-os apenas como máquinas de escrever com vídeo. São poucos os que sabem se valer de todos os recursos que o sistema lhes coloca à mão e menos ainda os que criam novas utilidades através da imaginação e do teste. Pode-se contar com os dedos o número de jornalistas que dominam totalmente os terminais (SILVA, 1988, p. 62).

Denise Gonçalves, editora executiva da *Tribuna de Minas*, conta como foi o processo de adaptação em Juiz de Fora: “foi muito difícil. Muita gente resistiu, os mais velhos então eram resistentes demais. Muita gente achava que era

exploração da empresa” (APÊNDICE 7.1). Paulo César Magella, editor-chefe da *Tribuna*, também tem essa visão: “Houve uma resistência muito grande, tal a complicação, os comandos difíceis” (APÊNDICE 7.4). Já para outro jornalista que também viveu esta transição, Geraldo Muanis, o momento “era de raiva. Era tudo muito primário, difícil de trabalhar” (APÊNDICE 7.2).

Outro fato curioso deste processo de inovação foi que, ao contrário do que se possa imaginar, um estudo mostrou, que, com os computadores, os erros cometidos pelos jornalistas aumentaram na *Folha de S. Paulo*. Os que mais se destacavam naquela época eram os erros de ortografia, uma contradição, pois as facilidades de correção de textos oferecidas pela nova ferramenta eram muito maiores do que as da máquina de escrever.

O fechamento das edições era ao redor da meia-noite nos principais jornais brasileiros, podendo ser estendida até a madrugada em caso de alguma matéria mais “quente”. Com a informatização, este prazo foi sendo gradualmente reduzido, até se chegar às condições atuais, em que esses mesmos jornais fecham às oito e meia da noite. É importante destacar que questões ligadas à distribuição dos jornais influenciam sobremaneira esse horário, mas o paradoxo existe, pois se simplifica em extremo o processo e tem-se o encurtamento do horário de trabalho. Assim como as redações, os jornais se tornaram mais frios.

A redação informatizada trouxe outras conseqüências para o trabalho jornalístico. O jornalista não tem mais o domínio sobre o produto final de seu trabalho. A composição das redes e a estrutura cada vez mais hierarquizada da redação, fazem do jornalista um trabalhador solitário. O grande volume de informações disponíveis e a dinâmica de sua circulação modificam a distribuição do

trabalho jornalístico em suas várias etapas, constituindo uma nova cadeia de procedimentos.

O jornalista habituado a farejar a notícia, ir atrás das fontes, pesquisar, investigar, agora, se vê diante de um computador, com sua caixa de e-mail repleta de releses de assessorias de imprensa, tendo sempre ao seu alcance o telefone. Para Marcondes Filho (2000), o jornalista deixa sua função de produtor de informação e passa a ser um simples comunicador. A informação seria produto de investigação apurada e minuciosa; para produzi-la, o jornalista tem que mostrar sua capacidade, sua vocação e seu ardor pela busca da notícia. Já a comunicação de acordo com o autor seria a notícia elaborada por meio do recorte de um relese enviado por uma assessoria de imprensa. O jornalista, neste caso, não precisa usar sua vocação, seu instinto para fazer seu trabalho; apenas usa seu conhecimento em língua portuguesa. Em muitos casos, observa Marcondes Filho, sequer liga para as fontes para checar as informações obtidas pela caixa de correio eletrônico.

Com o advento da informatização das redações, o jornalista se viu perdido por outras razões. Demissões em larga escala mostraram que o computador veio tomar o lugar de muita gente e quem não estivesse preparado seria descartado. Mais do que antes, o jornalista se tornou substituível, como uma peça acoplada ao mecanismo de produção do jornal.

A virtualização de seu trabalho provocou ruptura com os modelos de procedimento então adotados. As redes telemáticas unificaram o trabalho e separaram os profissionais. O jornalista digita o seu texto no computador, o editor avalia em seu terminal e o envia para a diagramação, que finaliza o trabalho. Tudo virtualmente, nenhuma palavra oral precisa ser trocada. O texto digitado, editado e diagramado é resultado de um processo inteiramente virtual.

A existência das coisas sempre foi medida por sua materialidade palpável. O homem comprovava a existência do que estivesse ao seu redor através da utilização de seus sentidos e expandia esse conhecimento aos outros à sua volta. O senso de realidade era resultado do compartilhamento com outros seres humanos. “Eu existo, eu sou real, porque sinto os objetos e outros seres que me rodeiam como prolongamentos de mim” (MARCONDES FILHO, 2000, p. 49).

No virtual, não há comprovação através da ocupação de um espaço material. O jornalista deixa de arquivar materialmente seus documentos e passa a tê-los em seu editor de textos. A comprovação fica a mercê da inconsistência da virtualização.

O jornalista deixa de ter o contato material com seu trabalho, pois as máquinas virtualizam o processo. Para Ciro Marcondes Filho, essa mudança aumenta a sobrecarga de trabalho do profissional e contribui para a volatilização dos elementos envolvidos na construção do jornal.

Em relação ao trabalho, o homem de redação, acostumado a escrever sobre o papel, a participar fisicamente do ambiente com os colegas, a ver seu produto “realizado” como um objeto jornal, passa a se submeter à lógica imaterial da tecnologia (mais difundida nos meios visuais) e a se adaptar à completa volatilização do ambiente de trabalho, do seu trabalho e do produto final “jornal” (MARCONDES FILHO, 2000, p.31).

O jornalista tornou-se, então, muito mais selecionador do que produtor de informações. Ao mesmo tempo, sua dependência em relação à tecnologia foi ampliada. Qualquer falha no sistema é sinônimo de caos na redação. Nunca a falta de energia elétrica influenciou tanto a produção jornalística.

A vocação do jornalista nunca foi tão questionada como agora. Com a multiplicidade de fontes de informação, principalmente com o desenvolvimento da Internet, tem-se variadas formas de ter acesso às notícias. O jornalista farejador dá

lugar ao coletor de informações. O ofício de buscar a notícia é substituído pelo de recortar a informação recebida na redação.

Não há dúvida de que a vocação é o marcador do velho jornalismo, e a desnecessidade de vocação é o demarcador principal entre o velho e o atual jornalismo. Mas há outros demarcadores: a grande reportagem típica do velho jornalismo não é necessária no novo; a postura contra-hegemônica e crítica, a irreverência e o desafio às autoridades e ideologias dominantes também eram marca do velho jornalismo, e hoje aparecem apenas ocasionalmente; finalmente, o cinismo, que costumava atacar o velho jornalista do meio para o fim de sua carreira, hoje é o ponto de partida do jovem jornalista. Ele já começa cínico (KUCINSKI, 2005, p. 104).

A uniformização dos procedimentos jornalísticos na redação informatizada, diminuiu a importância dada a habilidade individual do jornalista. A vocação, então, assume papel secundário e deixa de ser a principal característica deste profissional.

Os jornais têm cada vez menos jornalistas e estes, por sua vez, se ausentam menos da redação. Hoje é possível se fazer um jornal sem deslocamentos, com o uso da Internet e do telefone. A informatização das redações criou condições para que os jornalistas assumissem tarefas antes reservadas a técnicos.

Os complexos sistemas de produção de notícias têm sido estruturados de uma maneira que requerem ao mesmo tempo, por uma parte, uma grande especialização e diferenciação e, por outra, que o processo de circulação da notícia fosse concebido como um sistema de distribuição de dados previamente manufaturados (MACHADO, 2003, p. 67).

Esta característica é acentuada por Neveu:

(...) a emergência de um “jornalismo sentado” – caracterizado por um trabalhador limitado ao tratamento de matérias de agências e releases, ao uso do fax e do telefone, sem sair da redação – contribui para reduzir a autonomia dos jornalistas diante das fontes (NEVEU, 2005, p.3).

As mudanças obrigam a uma redefinição do profissional e, conseqüentemente, uma modificação da deontologia profissional. A Internet e as

redes fazem com que os parâmetros éticos norteadores da profissão a elas, de alguma forma, se adequem. Elias Machado destaca a dificuldade da definição desses novos parâmetros.

O espaço descentralizado das redes de produção e circulação de notícias torna difícil a imposição de padrões deontológicos apriorísticos a todos os membros de uma comunidade estabelecida ao redor de uma determinada publicação jornalística (MACHADO, 2003, p. 114).

Como em toda profissão, a evolução das técnicas e procedimentos modifica a forma de trabalhar do especialista. No jornalismo, não poderia ser diferente. Com a introdução da informatização nas redações, o jornalista vê seu perfil mudar.

Segundo Alzira Alves de Abreu, o jornalista de hoje tem um perfil mais pragmático, em oposição a um passado em que a profissão era mais 'romântica'.

A oposição romantismo x profissionalismo parece indicar que até os anos 70 os jornalistas tinham um envolvimento político e ideológico mais claro, agiam em função de valores e utopias, coisa que atualmente não ocorreria mais (ABREU, 2002, P.38).

As distâncias que separam estas duas concepções do jornalismo aumentaram desde a chegada das tecnologias mais recentes às redações. Estas tendem a despersonalizar os atores, tornando o texto jornalístico mais flexível, já que pode ser digitado, editado, diagramado e revisado ao mesmo tempo.

Metaforicamente, Stella Senra (1997) compara o jornalista a uma peça de engrenagem em uma redação planejada, minuciosamente estudada e projetada para o melhor funcionamento da máquina jornalística. O engajamento político e literário dá lugar a uma pseudo-impessoalidade dos textos e um aparente distanciamento dos acontecimentos. Os conceitos de imparcialidade e pluralidade de idéias continuam a ser difundidos nas redações. Mas a utopia da ausência da

subjetividade não pode ser eliminada, enquanto houver um ser humano nesse processo.

Um exemplo clássico é a implantação do projeto editorial da *Folha de S. Paulo*, que incluía o processo de modernização da redação. Implementado em várias fases, foi motivo de polêmica e muita confusão envolvendo os jornalistas. Seu pontapé inicial se deu com a criação do Conselho Editorial da *Folha*, em 1978. As principais transformações no jornal ocorreram na década de 80, mas o Projeto *Folha* é dinâmico e até hoje continua a ser modificado e adaptado pelo Conselho.

2.3. Mudanças Profissionais

Criam-se novos instrumentos de trabalho, como a Internet, que através de seus web sites com hipertextos, tornaram-se fontes para os jornalistas. O e-mail passa a ser um suporte de destaque nas redações, a ponto de a seção “Cartas” passar a ser completamente ocupada por e-mails, o que tornou a participação do público mais ágil.

O veículo jornal passou por muitas transformações desde sua criação. A introdução de novas tecnologias chama a atenção por ter conseqüências, não só sobre o veículo em si, mas também sobre o trabalho daqueles que se dedicam à prática jornalística, bem como sobre o conteúdo veiculado.

Com as demissões e a eliminação de funções, a máquina tornou-se elemento mediador indispensável no processo de produção. As novas tecnologias são utilizadas para aumentar a produtividade, ampliar a capacidade produtiva de cada trabalhador, implicando na supressão ou criação de postos de trabalho.

Na fase de implantação dos computadores, aqueles que não se adaptaram às tecnologias tiveram que entregar seus cargos. Um dos casos mais marcantes é o da *Folha de S. Paulo*, onde muitos jornalistas foram demitidos durante esse processo. A alta rotatividade que se assistiu nessa época também contribuiu para o aprofundamento da crise em que os jornalistas se encontravam. O caso da *Folha* é sintomático. Em 1984, pediram demissão ou foram demitidos 116 jornalistas. Nos primeiros mil dias de implantação do sistema, houve 474 demissões. Havia, porém, um agravante, o jornal paulista estava implementando seu novo projeto editorial, o que contribuiu para aumentar os conflitos entre patrões e empregados (SILVA, 1988).

Outro fato importantíssimo é a eliminação de funções, o extermínio de ofícios. No caso do jornalismo, categorias inteiras acabaram desaparecendo, a exemplo de digitadores, revisores e arte-finalistas.

Os digitadores tinham a função de digitar o texto escrito pelo repórter para ser composta a página. Cabia aos arte-finalistas compor as páginas dos jornais com os textos e fotos. Já o revisor era o profissional que conferia as provas tipográficas com os originais datilografados para detectar eventuais diferenças entre o texto redigido pelo jornalista e o que foi composto para a impressão. Na *Folha*, foram 72 revisores demitidos na época da mudança (SILVA, 1988).

Sistemas de impressão, como a linotipia, foram eliminados das gráficas. Filmes fotográficos, papéis sensíveis à luz, banhos de revelação foram abolidos.

A máquina aumenta as exigências sobre o trabalhador, sistematiza o processo, o controle sobre o trabalho é ampliado e o tempo para a execução de

tarefas é reduzido. O jornalista passa a trabalhar em uma velocidade maior, num ritmo mais acelerado, mais próximo ao processamento do computador.

A tecnologia opera “transformações” na classe trabalhadora. A mecanização reduz cada vez mais a quantidade e a intensidade da energia física consumida no trabalho. Ora, mas mesmo com o avanço tecnológico o trabalho continua sendo exaustivo – é necessário concentração para repetir os mesmos movimentos, aumento da velocidade e domínio da máquina, isolando uns dos outros (BALDESSAR, 2003, p.75).

O computador impõe um ritmo mais nervoso ao repórter e ao editor. Na nova configuração, o repórter apura, redige o seu texto e envia uma mensagem para seu editor informando que o texto já está pronto. O editor então, de seu computador, analisa o texto do repórter. Após esses procedimentos, em acordo com o paginador eletrônico, ele desenha a página que será impressa.

A paginação eletrônica é uma profissão nova. Ela surge com a modernização gráfica do jornal. Este profissional desenha eletronicamente a página e é o responsável pela ‘cara’ do jornal. Nunca foi tão fácil mudar a identidade do veículo como agora. O paginador eletrônico pode ser encarado como sendo o produto de um processo evolutivo do diagramador, que abandona suas réguas e canetas, passando a trabalhar em um computador com modernos programas de editoração. Nessa nova profissão, deixam de ser enquadrados como jornalistas e passam a ser categorizados como gráficos. A mudança é importante para os donos de jornal, pois segundo a CLT, jornalista tem uma jornada de trabalho de cinco horas, mas a dos gráficos é maior. Mais tempo trabalhando com um salário menor. (BALDESSAR, 2003).

Nesse contexto, muitos se perguntam: estamos chegando ao fim de uma profissão? Os jornalistas não mais existirão? Com a multiplicidade de fontes de informação, principalmente pela Internet, vários atores têm se mostrando aptos a serem difusores de informação. Segundo alguns autores, o público não mais

precisaria da mediação jornalística para se informar, bastaria, para isso, acessar a Internet, localizar um site específico, para alcançar o conteúdo pretendido; o jornalista seria descartável.

A atividade tornou-se mais difícil. A redução do número de profissionais nas redações e o aumento das responsabilidades individuais promoveram um certo desapontamento na classe. O jornalista vira uma espécie de gerente da máquina, cuja interface multicolorida atrai o grande público.

Marcondes Filho destaca que as transformações na redação atingiram dramaticamente o profissional, que se viu afastado fisicamente dos colegas e totalmente absorvido pelo monitor de computador.

O desaparecimento do ambiente humano de redação em que se escreviam páginas de um jornal cria uma outra situação de trabalho, como características distintas, próprias, sem comparação com a anterior e com efeitos igualmente diferentes. Não que seja afetada a produção do texto, que de qualquer forma sempre foi um trabalho individual: jamais se produziu um texto em conjunto numa redação de jornal; o que é afetado é o ambiente de produção. Desaparecem os eventos marginais da atividade (a consulta ao colega, a conversa relaxante, os eventuais apoios ou críticas, em suma, o clima – inconscientemente – solidário da atividade). Diante da tela, jornalistas estão hoje mais entregues a si mesmos. Ela atua como um superpatrão, que lhes exaure muito mais, pois os tem inteiramente (MARCONDES FILHO, 2000, p. 50-1).

No novo contexto, os jornalistas se sentem contribuindo, mais nitidamente, para a expansão dos negócios do patrão, ampliando a “mais valia”. De certa forma, passaram a trabalhar mais, por menos dinheiro. Provavelmente, se esgotam com mais facilidade, estão mais deprimidos e mais susceptíveis ao estresse e à estafa.

O jornalista muda sua forma de ver o mundo e o mundo muda a maneira de ver o jornalista. Entram em discussão as novas faculdades que o profissional deve possuir. Hoje ele tem que estar antenado com tudo que se refere às novas tecnologias, como por exemplo, a fotografia digital. O domínio de pelo

menos uma língua estrangeira também passou a ser ainda mais necessário aos profissionais.

Se ter um bom texto era sinônimo de bom profissional, hoje não é mais.

Denise Gonçalves analisa a mudança de perfil do repórter:

Mudou muito o papel do repórter hoje em dia. Antigamente, tinha o repórter que era o responsável exclusivamente por produzir a matéria. Ele chegava ao jornal, tinha uma pautinha prontinha, com todas as informações e o que se queria saber do entrevistado. Você já recebia aquele papel prontinho, saía à rua, vinha, sentava-se, escrevia a matéria e ia embora. Hoje não. O repórter tem que se pautar, ele pode até ser pautado, mas ele só será pautado por duas razões: uma, ele não traz boas pautas; outra, porque tem um evento, naquele dia, extraordinário, que me obriga a tirá-lo do que ele mesmo programou. Se ele emplaca boas pautas, dificilmente vai precisar de alguém que o paute (APÊNDICE 7.1).

O surgimento da Internet e a sua maior difusão, a partir da década de 90, trouxe novas perspectivas para a sociedade. Entramos na era da informação. A característica marcante da nova sociedade seria o domínio da técnica.

Símbolo maior desta modernização, a Internet consegue reunir todas as mídias existentes, usando som, texto escrito, imagem em movimento.

O jornalista hoje trabalha mais, muito mais. Segundo Alzira Alves Abreu, ele pauta, apura, prepara a notícia, entrevista, digita o texto, deve fazer a diagramação, indica as fotos, desenhos, gráficos, em suma, tudo o que deve constar em sua matéria. Além disso, devido à redução de pessoal nos jornais, o repórter, às vezes, tem que fazer mais de uma matéria ao mesmo tempo. “Nesse processo rápido e ágil, o controle da qualidade se torna mais difícil. Esses são, em geral, os argumentos para mostrar como caiu a qualidade das matérias veiculadas hoje em dia” (ABREU, 2002, p.34).

Segundo Maria Baldessar, as transformações podem ter interferido na profissão de maneira mais abrangente.

A constatação de que o jornalismo está passando por transformações profundas e se encontra em processo de renovação de muitas de suas práticas pode ser aferida se aceitarmos que o mundo *on line* está reconfigurando as redações e as práticas profissionais, alterando as rotinas de coleta, processamento e difusão da informação (BALDESSAR, 2005, p. 6-7).

Ainda segundo Baldessar, o profissional sofreu nove mudanças básicas. O acesso às fontes é a primeira. A Internet e o telefone celular alteraram a relação entre jornalistas e fontes. Muitas entrevistas, ou sua maioria, não são mais feitas de forma presencial.

A segunda mudança seria o aumento na produtividade dos repórteres. Os profissionais estão trabalhando mais e ganhando menos. O repórter chega a apurar mais de uma notícia ao mesmo tempo e ainda tem que fazer sugestões de gráficos e fotos para sua matéria.

A diminuição do custo de obtenção de informações em todos os níveis e em todos os assuntos é a terceira mudança. Hoje, com a proliferação de *sites* institucionais, o profissional tem à sua disposição uma série de informações *on line*. As assessorias de imprensa se desenvolveram e tornaram-se fortes aliadas dos jornalistas.

A qualidade na análise das informações também melhorou, pois a ampliação das ferramentas de trabalho e a melhor relação com as fontes propiciaram uma análise mais apurada e menos subjetiva.

A quinta mudança está ligada à menor dependência das fontes para interpretação das informações. O aumento do acesso à informação, a sexta mudança, ampliou a possibilidade de uma apuração mais completa, reunindo um grande leque de dados sobre o acontecimento, contribuindo para uma análise mais independente.

O incremento da confiança técnica e a maior exatidão das informações constituem a sétima mudança. O amadurecimento das redações em relação às novas tecnologias e uma maior difusão dos valores de pluralidade e independência editorial, permitiram o alcance de uma maior exatidão nas matérias.

Melhores formas de arquivo e busca das informações também contribuíram para a mudança do perfil profissional. A passagem do arquivo documental em papel para o virtual favoreceu a ampliação do banco de dados do jornal e facilitou a busca por informações.

A última mudança seria a maior agilidade, bem como mais facilidade de deslocamento. Os jornais possuem frotas próprias de veículos, mas o mais importante é a digitalização. As câmeras fotográficas podem enviar fotografias direto do local de um acidente, por exemplo, para a redação. Um correspondente em outro país envia seu texto através da Internet, e, em questão de segundos, ele já está na redação.

Com as condições de trabalho modificadas, o perfil do jornalista muda. As redações de hoje são diferentes das da década de 70 em vários aspectos. A presença das mulheres é um deles. Nas antigas redações, o número de mulheres jornalistas era muito reduzido. Hoje, elas são mais da metade dos profissionais no mercado de trabalho.

Marcondes Filho afirma que as tecnologias retêm mais tempo o jornalista na cadeira, ocupado com o “trabalho de reler os textos, de elaborar os títulos, de intervir nas passagens muito longas, de verificar algumas afirmações” (MARCONDES FILHO, 2005, p. 22). Depois de tudo isso, é preciso colocar os artigos no espaço gráfico virtual, imaginando como ficará a página. “E não se pode

esquecer os diferentes elementos de apresentação ou de orientação, as separações, os logos, etc” (MARCONDES FILHO, 2005, p. 23).

Assim, pode-se supor que o jornalista trabalha mais e tem aumentada sua responsabilidade individual.

Conseqüência do processo de informatização da atividade, fato é que a vida de jornalista tem se tornado cada vez mais difícil. O trabalho aumentou, o contingente foi reduzido, as responsabilidades se tornaram mais individuais (MARCONDES FILHO, 2005, p. 58).

Denise Gonçalves tem outro ponto de vista. Para ela, o jornalista “trabalha melhor, mais não! Pelo contrário, acho que facilitou a vida dele, porque tem tudo a mão” (APÊNDICE 7.1). Paulo César Magella também é dessa opinião: “digamos que ele não tem o mesmo trabalho de antes” (APÊNDICE 7.4).

Travancas (1993) em *O mundo dos jornalistas*, após uma série de entrevistas a vários jornalistas, divide esta categoria profissional em duas sub categorias: a dos veteranos e a dos jovens jornalistas. Para estudá-los, utiliza o conceito de *network*.

Esse conceito significa rede de relações estabelecida pelo indivíduo ou grupo em questão. O network se baseia em laços criados sem escolha, determinados socialmente, como os de família e parentesco; e os resultantes de liberdade e opção. No caso dos jornalistas desta pesquisa, a ênfase dada nas relações sociais vai privilegiar, através de seus depoimentos, a escolha pessoal (TRAVANCAS, 1993, p. 84).

Para a autora existem dois sentimentos que permeiam de forma mais acentuada a relação entre o profissional e seu trabalho, a paixão e a adesão. A primeira seria, para os jornalistas, “um sentimento e, portanto, estará do lado da emoção e não da razão, e significará um envolvimento de ordem afetiva com o trabalho” (TRAVANCAS, 1993, p.84). Já a adesão, significa também um envolvimento, mas de outra esfera. “Trata-se de um movimento abrangente da

carreira em relação aos outros setores da vida do indivíduo, determinando, como o próprio termo demonstra, uma adesão à carreira” (TRAVANCAS, 1993, p. 84).

Dessa forma, os profissionais movidos pela paixão seriam aqueles que estariam sintonizados com o trabalho durante as vinte e quatro horas do dia e sua profissão estaria sempre em primeiro plano, sua relação com o trabalho é da esfera da emoção. Já os profissionais movidos pela adesão, seriam aqueles cuja relação com o trabalho estaria ligada a esfera da razão, embora outros fatores de sua vida possam ocupar papel secundário em relação à profissão.

É possível se estabelecer um paralelo entre estas noções e o processo de informatização das redações. Na época em que as máquinas de escrever eram dominantes, a paixão era a tônica na relação profissional, o sentimento de proximidade e emoção eram destaque. Com os computadores, a uniformização de procedimentos parece dar lugar ao que Travancas chama de adesão.

No rastro dessas modificações, cabe indagar: o papel do jornalista e sua relação com a sociedade permanecem? O compromisso de trabalhar pelo social, de informar com seriedade e lutar pela justiça; são alguns dos valores que ainda permeiam a profissão?

3 TECNOLOGIA E PRODUÇÃO

A apuração, a redação e a edição tiveram seus procedimentos alterados pelo processo de modernização das redações. O computador influenciou sobremaneira o fazer jornalístico.

A apuração, por exemplo, defrontou-se com uma multiplicidade de fontes, que se tornaram incontáveis, desde o fenômeno da popularização da Internet. A rede mundial de computadores passa a ser uma ferramenta essencial dentro das redações, sendo diariamente usada, seja para buscar informações, seja para enviar correio eletrônico. As fontes também se tornaram mais acessíveis. A telefonia móvel expandida ampliou sobremaneira as formas de comunicação e acesso aos entrevistados. O aumento da profissionalização e da ação das assessorias de imprensa, amparado pelo suporte da Internet, também interferiu diretamente no processo de apuração. As agências noticiosas tornaram-se mais acessíveis e utilizadas. Se, por um lado, tais avanços favoreceram o trabalho do jornalista, por outro, trouxeram problemas para as redações.

A redação dos textos foi a primeira etapa do processo a ser modificada pela informatização. Os primeiros computadores pouco diferiam de uma máquina de escrever, oferecendo apenas maior facilidade de correção. O texto jornalístico tornou-se mais enxuto e também mais nervoso. A informatização provocou profundas modificações no suporte de composição do texto.

O processo de edição sofreu uma revolução. O editor, juntamente com o repórter, viu seu perfil mudar. Os computadores dão a ele uma visão geral do produto final. A integração das editorias e a diagramação eletrônica favorecem a consolidação de um produto mais planejado e menos sujeito a imprevistos.

Entender essas transformações é de suma importância para compreender o impacto gerado pela virtualização da prática jornalística.

3.1 A Apuração

A introdução dos computadores nas redações provocou mudanças profundas no processo de apuração jornalística. Se por um lado, os jornalistas passaram a ter à sua disposição um leque maior de informações, por um outro, a confiabilidade das informações é, muitas vezes, questionada.

Quando o repórter recebia sua pauta, nas antigas redações, ele fazia pesquisa nos extensos arquivos do jornal, em suas matérias antigas ou em documentos que possuía. Nem sempre era possível encontrar informações suficientes para fazer uma boa pauta ou matéria. O jornalista dependia muito da fonte e de sua credibilidade. Caso necessitasse de dados, teria que os solicitar aos órgãos competentes. A demora deste processo poderia atrasar ou mesmo inviabilizar a publicação de matérias. A dificuldade em obter informações era um grande problema para o jornalista.

Com a introdução dos computadores, o jornal passou a dispor de um banco de dados, que reúne uma série de informações necessárias para a apuração jornalística. É através deste banco que também são disponibilizadas todas as matérias publicadas pelo veículo. Sendo assim, o repórter pode ler uma matéria passada sobre o assunto para se informar melhor sobre o tema. Fazer a retrospectiva de um acontecimento ficou mais fácil, mais acessível.

Elias Machado chama a utilização das redes telemáticas para a “elaboração de conteúdos para os meios clássicos, ainda abastecidos com métodos

clássicos de coleta de dados”, de “jornalismo assistido por computador”. Nesse conceito, o computador permite “o uso dos conteúdos das redes nos meios convencionais sem alterações essenciais no conjunto das práticas de todos os profissionais dentro das redações” (MACHADO, 2003, p.22-3).

Segundo Nora Paul (NORA, 2001 apud MACHADO, 2003), o jornalismo assistido por computador identifica o processo de coleta de dados com auxílio do computador. Quatro modalidades fazem parte desse conceito: reportagem, pesquisa, referência e encontro. O jornalista, na reportagem, utiliza programas de computador especializados em cálculos complexos, análises de dados extensos e para a construção de arquivos próprios, capazes de contextualizar os fatos e identificar tendências futuras. A pesquisa utiliza o computador para recorrer a relatórios, artigos ou dados disponíveis em um banco de dados. A terceira modalidade, a referência, é o elemento que permite a consulta de fontes como dicionários, enciclopédias, almanaques, glossários e mapas. Já a quarta modalidade faz referência aos encontros que possam vir a ocorrer em listas de discussão, grupos de discussão, “(...) lugares em que os jornalistas têm a chance de participar das discussões, acompanhar as opiniões de especialistas em esferas específicas e descobrir futuras fontes para reportagens” (MACHADO, 2003, p. 23).

A informatização possibilitou que os jornais construíssem um arquivo virtual paralelo ao arquivo de papel. Assim, passa a ser possível pesquisar, através de um banco de dados, todos os textos que já foram publicados pelo periódico. Em questão de segundos, é possível saber se um tema já foi abordado em alguma matéria. O arquivo digital substitui as extensas pesquisas nos arquivos convencionais de papel.

Para Denise Gonçalves, a utilização de arquivos eletrônicos no jornal facilitou o processo de apuração.

Facilitou muito o trabalho, acho que em jornal se tem temas recorrentes, muito freqüentemente. Problemas no trânsito, apreensões, multas; crimes, roubos; são temas recorrentes em jornal. Este banco de dados é fantástico, porque ele dá a tranquilidade de trabalhar, com precisão de informação, está lá, já tem um documento. Você não tem que ficar gritando: “fulano, pelo amor de Deus, quando foi a maior apreensão de crack em Juiz de Fora?” Eu não sei quando foi, mas não preciso ligar para a polícia para saber (APÊNDICE 7.1).

Kátia Dias também acredita que o arquivo digital contribuiu para uma melhoria nas pesquisas feitas dentro do jornal.

O arquivo permite acessar as suas próprias matérias de tempos atrás. Antes, você guardava isso na sua casa. Ai chegava para fazer uma matéria e dizia: vou ter que voltar lá em casa para embasar-me mais. A velocidade é maravilhosa sob este aspecto (APÊNDICE 7.3).

A difusão dos telefones celulares também contribui para um maior dinamismo da apuração no jornalismo. As fontes ficaram mais acessíveis, graças a uma telefonia fixa popularizada e à presença dos telefones celulares. Na redação, as velhas agendas de fontes perderam destaque. Hoje, através do computador é possível se ter uma série de fontes catalogadas por ramo de atividade. O repórter digita ‘psicólogo’ e, em questão de segundos, o computador informa uma lista variada de profissionais dessa atividade.

Trabalhar com agência de notícias tornou-se uma atividade extremamente simples. Anteriormente, eram os telex os responsáveis por passar todas as matérias do dia, um processo bem mais lento que o atual. Durante todo o dia chegavam notícias à redação. Hoje, as informações estão disponíveis *on line*, através da Internet. Cabe ao jornalista pesquisar o assunto e, simplesmente, recortar e colar o que seleciona em seu software de edição. Não é mais necessário ter que datilografar ou digitar toda a matéria. Agora, mais flexível, tudo fica mais

rapidamente pronto para ser editorado. Todos esses procedimentos ficaram mais simples, sendo possível executá-los em tempo muito reduzido. A própria difusão do número de agências de notícia também contribuiu para a ampliação do noticiário e da qualidade das matérias. Por outro lado, as editorias em que as matérias de agências são utilizadas tiveram redução drástica de pessoal. Hoje, dependendo do jornal, é possível que exista somente um profissional responsável pelas páginas de nacional e internacional, e este nem sempre é editor.

O jornalista Geraldo Muanis lembra como era o trabalho com as agências de notícias:

Era terrível também, porque você dependia daquilo. Se tivesse uma greve era possível você fechar com um noticiário de telex, mais muito mais demorado, com certeza. Hoje não, com a Internet e com o computador, você, com duas pessoas, é capaz de produzir. Uma faz e a outra diagrama. Se o cara souber, ele faz tudo (APÊNDICE 7.3).

A crescente difusão das assessorias de imprensa pelas mais diversas instituições, aumentou o diálogo entre fontes e jornalistas. Hoje, as assessorias produzem um extenso material que é enviado às redações como sugestão de pauta. Os jornalistas recebem centenas de e-mails desta natureza diariamente.

Além disso, as assessorias se dispõem a ampliar o diálogo do jornalista com as fontes. Hoje quando se quer entrevistar o presidente de uma empresa, por exemplo, será a assessoria quem fará a mediação.

Mas o que mudou sobremaneira no processo de apuração jornalística no período posterior à introdução das novas tecnologias foi a Internet. Ela é responsável por uma série de mudanças. Hoje, as redações estão *on line* com o mundo. A editoria de Internacional fica o tempo todo a par do que acontece no mundo através da Internet. Os desempenhos esportivos podem ser acompanhados por esta editoria, assim que os jogos, das mais variadas modalidades, têm início. Na

editoria de Cultura, os lançamentos no cinema e as projeções do mercado editorial podem ser acessados a qualquer momento. Mas não é só isso. Quando o repórter recebe a pauta, ele corre para a Internet a fim de pesquisar o assunto. A Internet virou fonte obrigatória para os jornalistas.

A rede mundial de computadores exerce e combina, segundo Bernardo Kucinski, quatro funções principais relativamente distintas: a transmissão de dados, a de mídia, a de ferramenta de trabalho e a de memória. Ela torna-se um novo meio de difusão de informações, reunindo som, texto e imagem em movimento. Como ferramenta de trabalho permite acessar bancos de dados, fazer entrevistas, ler um leque de publicações de todo o mundo e ter, à disposição, parte da memória de toda uma produção intelectual, artística e científica de todo o mundo (KUCINSKI, 2005).

Sites institucionais do governo, por exemplo, disponibilizam uma série de dados sobre o Estado. Atos do governo, legislações completas, tudo isso pode ser verificado em questão de segundos. A comunicação entre poder público e imprensa tornou-se muito mais transparente com a difusão da Internet. Hoje é possível acessar o site do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), por exemplo, e verificar um sem número de pesquisas sobre as mais diversas áreas.

É através do correio eletrônico que muitos jornalistas se comunicam entre si e com as fontes. Além de ancoradouro para os diversos releases que são enviados à redação, o e-mail serve também como um meio de contato entre jornalista e leitor, e esta proximidade tende a ser sempre positiva para o jornal.

Para o professor Elias Machado, o ciberespaço como fonte para os jornalistas desencadeia um processo em que as redes telemáticas são uma espécie de “ferramenta para nutrir os jornalistas das organizações convencionais com conteúdos complementares aos coletados pelos métodos convencionais”

(MACHADO, 2003, p. 19). Em contraponto a esta afirmação, a Internet também pode funcionar como um ambiente diferenciado, com capacidade de fundar uma modalidade distinta de jornalismo, o que se convencionou chamar jornalismo digital. Este último também serve de fonte para as redações jornalísticas convencionais.

A Internet, apesar de estar em pleno funcionamento há mais de uma década, ainda suscita inúmeras discussões quanto a sua utilização. O primeiro questionamento diz respeito à credibilidade da fonte. Será que o que se lê na Internet é confiável? A resposta é: depende! Nem tudo o que está disponível no ciberespaço é confiável, assim como, no mundo real, nem tudo que uma fonte diz é verdade. A veracidade dos fatos apresentados virtualmente é uma questão séria, pois cabe ao jornalista sempre checar às informações, independente do fato de a fonte ser virtual ou real.

A estrutura descentralizada do ciberespaço complica o trabalho de apuração dos jornalistas nas redes devido à multiplicação das fontes sem tradição especializada no tratamento de notícias, espalhadas agora em escala mundial. Nos sistemas convencionais de jornalismo a preferência pelas fontes oficiais representa uma estratégia dos profissionais para obter dados fidedignos de personalidades reconhecidas, respaldadas pelo exercício de uma função pública (MACHADO, 2003, p. 25).

Um segundo ponto de controvérsia leva em conta a quantidade de informações que a Internet oferece ao jornalista. Em uma simples busca, pode-se alcançar tantos resultados que o jornalista se sente incapaz de encontrar aquilo que ele realmente procura. O excesso de informação provoca a desinformação, uma velha máxima da comunicação. Koch acentua que, “no modelo eletrônico para apuração jornalística, os fatos são substituídos pela necessidade de uma frase de busca que defina a questão ou problema pautado” (KOCH apud MACHADO, 2003, p. 24).

Segundo uma pesquisa publicada pela *Folha de S. Paulo*, em 2005, existiam na Internet cerca de 600 bilhões de páginas e documentos. Num único mês, são feitas em média 4,5 bilhões de consultas a buscadores nos Estados Unidos. O tempo médio de uma pesquisa em um *site* especializado é de 0,1 segundo (PROFUNDEZAS da Internet, 2005).

Para Geraldo Muanis, “o problema da Internet é medir até que ponto as fontes são confiáveis. Você tem que entrar num *site* oficial. Aí é confiável. (...) Mas, se for uma informação muito melindrosa, é sempre aconselhável checar” (APÊNDICE 7.2). Apenas reproduzir o que está escrito na Internet pode ser um grande erro.

Denise Gonçalves tem a mesma opinião, mas destaca as medidas que devem ser tomadas para se utilizar bem os recursos oferecidos pela Internet.

A Internet como fonte não é totalmente confiável, mas você tem páginas pessoais, tem alguma referência de tudo, você tem informações confiáveis, basta saber pesquisar. Existem aí até curso de RAC, que significa: reportagem com auxílio do computador. É gente que prepara jornalistas para usar o computador como instrumento de pesquisa (APÊNDICE 7.1).

Já Paulo César Magella tem uma outra visão sobre o assunto.

A Internet é uma lixeira. Então, o que você tem que fazer é uma triagem. Mas não se assuste, porque quando Gutenberg montou a imprensa em 1492, mais ou menos, e começaram a produzir as primeiras publicações, teve um caos na Europa toda. As pessoas ficaram desesperadas, porque todo mundo queria publicar, todo mundo queria fazer o seu livro e com aquela complicação toda. Então, o desespero dos editores é o nosso desespero de hoje. Como arquivar tanta informação, tanto livro? Como é que eu vou arquivar tanta informação? Por assunto, por ordem alfabética, por ordem de chegada? As pessoas não sabiam o que elas iriam ler. Então, este tráfego de informações que nós temos hoje na Internet e que nos assusta, assustou nossos ancestrais no século XVI. São os avanços tecnológicos, o quê fazer? Você tem que filtrar (APÊNDICE 7.4).

A Internet passou a pautar as redações? Esse é o terceiro ponto polêmico. Até que ponto as redações não se tornaram submissas à rede mundial de

computadores? A Internet é excelente como ferramenta auxiliar no processo de apuração jornalística, mas não é a sua essência.

A rede mundial de computadores é democrática. Considerada a ágora dos tempos modernos, a Internet é um espaço sem fronteiras para a difusão de informações de qualquer natureza. Não existe censura no ciberespaço. Ele é ilimitado. Por isso mesmo coloca em xeque o direito autoral. Um texto pode ser copiado e alterado centenas de vezes por centenas de pessoas. O direito autoral na Internet é quase impossível. O jornalista se vê pressionado pela dificuldade de detectar a autoria de boa parte das informações.

A Internet traz outras novidades, como a inclusão do leitor como fonte. Através dos blogs e fotologs, os leitores ganham espaço como possíveis fontes para os jornais. A interatividade entre leitor e jornal aumentou consideravelmente através do e-mail. Nunca o leitor interferiu tanto no jornal como atualmente.

Uma crítica às agências de informação *on line* é que com a extrema simplificação do processo, associada à redução de pessoal e ao acúmulo de trabalho, muitas matérias podem ser publicadas sem que ao menos o editor as tenha lido por inteiro. Fazer uma página com matéria de agência equivale a montar um quebra-cabeça de peças grandes. O editor de Internacional precisa estar muito atento para não cometer arbitrariedades quanto ao que é noticiado.

A apuração por telefone é outro assunto polêmico. Através deste instrumento, é possível que o jornalista entreviste uma série de pessoas em pouquíssimo tempo. Mas, ao falar pelo telefone, o jornalista não consegue perceber sinais que o entrevistado pode emitir e que são visíveis no contato pessoal, como por exemplo, o nervosismo, possível de ser observado se o entrevistado estiver balançando ritmicamente as pernas. Ao telefone, isso não é perceptível. Verificar

que a fonte está mentido pelo telefone é uma tarefa muito difícil. Já pessoalmente, é possível ao jornalista traçar um quadro emocional da fonte com relativa facilidade.

As assessorias de imprensa também são alvo de críticas. Muitas matérias publicadas por jornais baseiam-se somente no que é fornecido pela assessoria de imprensa. O problema é que estes órgãos não são independentes, estão atrelados às instituições às quais se vinculam, logo só vão divulgar informações favoráveis a estas instituições. A matéria meramente elogiosa não deveria jamais ter espaço no jornalismo sério.

Com todas essas inovações, o jornalista permanece cada vez mais dentro das redações. Suas saídas são limitadas, quando não raras. O repórter tornou-se muito mais um selecionador de informações do que um farejador de notícias. Existem cadernos inteiros feitos exclusivamente com matérias de agências. Boa parte das editorias usa matérias de agências. Uma parcela significativa dos releases enviados aos jornalistas, vira notícia. O contato direto com as fontes, a presença pessoal do repórter nos acontecimentos, sentir a notícia, tudo isso tende a ser menos freqüente com o uso da tecnologia. O conforto das redações tem se tornado mais constante no dia-a-dia dos jornalistas, antes, soltos pelas ruas atrás das notícias.

O jornalista, na era da informatização, vê uma inversão de suas tarefas rotineiras. Antes de sair para uma entrevista, por exemplo, vai à Internet e faz uma vasta pesquisa dos elementos envolvidos no assunto de sua pauta. Quando chega diante do entrevistado, já está bem informado sobre o assunto, aguardando algumas respostas para serem usadas como citação ou apenas informações adicionais. No jornalismo clássico, o repórter saía da redação com pouquíssimas ou nenhuma informação a respeito do assunto a ser abordado.

A inversão no processo produtivo nada tem a ver com a substituição dos postos clássicos de cobertura como prefeituras, câmara de vereadores, assembleias legislativas, governos estaduais ou federal, Câmara Federal, Senado ou federações empresariais e sindicais, pelas variadas fontes independentes acessíveis no ciberespaço (MACHADO, 2003, p.31).

Não deveria ser justificativa para a demissão de um jornalista que faz cobertura da Assembleia Legislativa, o fato de a assessoria de imprensa do órgão enviar inúmeras informações à redação, inclusive com fotos. É bom lembrar que este conteúdo é fabricado por uma assessoria, a serviço da instituição que a mantém.

Hoje não é o jornalista que vai atrás das notícias, mas as notícias é que chegam aos jornalistas.

3.2 A Redação

A introdução das novas tecnologias nas redações também influenciou a maneira como os jornalistas redigem suas matérias. As mudanças aqui analisadas não se restringem àquelas relacionadas ao suporte material de trabalho.

Primeiro, foi a esferográfica a companheira inseparável do jornalista. Os grandes escritores redigiam seus textos à mão. Depois de tudo pronto, as matérias eram enviadas para o pessoal da gráfica, que as transformava em tipografia.

O advento da máquina de escrever e sua posterior introdução nas redações jornalísticas provocaram uma transformação. Agora os jornalistas teriam que datilografar suas matérias. Comemoração nas oficinas, os gráficos não precisariam mais ficar traduzindo os garranchos dos veteranos. Começa um sistema de padronização na redação. Neste período, as matérias ficam maiores, pois, com a

datilografia, é possível produzir matérias maiores com menos esforço e em maior quantidade. Aumenta a produtividade nas redações.

A introdução dos computadores veio radicalizar o processo. Agora o jornalista deixa de datilografar e passa a digitar seu texto. Na medida em que ele vai escrevendo, o programa já vai informando seus erros ortográficos. Mas não é só isso. Em muitos jornais, o repórter já digita sua matéria diretamente na página em que ela será publicada, pois, por questões de restrição de profissionais ou mesmo de tempo, o jornalista já trabalha com o produto semi-acabado.

A ampliação das possibilidades de correção também é marcante com a introdução dos computadores. Corrigir um erro ficou mais fácil, mas os jornalistas, paradoxalmente, passaram a errar mais. Seja pela desatenção ou pelo não-domínio completo da máquina, o registro de números de erros cresceu vertiginosamente nas redações, quando da implantação dos computadores. Hoje, a quantidade de erros é menor, mas ainda se erra muito, principalmente em digitação.

Mas o que mudou no conteúdo dos jornais? A redação da matéria jornalística é uma fase importante do processo, pois é neste momento que as informações são organizadas de forma a dar sentido à notícia. A narração perfeita aliada a uma boa apuração, faz com que a matéria atinja seu objetivo, informar com clareza.

Na fase de apuração, o repórter colhe as diversas informações e as une às entrevistas. No momento da redação, a conexão é feita. Com a introdução da informática e a utilização da Internet, muitos dados da matéria já estão no computador antes mesmo do repórter sair para as entrevistas. De posse de todos os dados, o repórter monta sua narração utilizando-se de um editor de texto.

Carlos Eduardo Lins da Silva conta que, no início dos trabalhos na era digital na *Folha de S. Paulo*, as alterações sobre a estrutura e o conteúdo do texto foram logo sentidas.

Como toda a lógica jornalística se altera diante do vídeo, a tendência é que os textos passem a ser mais curtos (o redator tem acesso à medida exata de seu texto no terminal e, para obedecer às instruções de concisão, pode medi-los com precisão), os períodos e orações também são mais curtos (a visão da tela é mais propícia para enxugar os textos, mesmo porque quando eles se excedem não cabem na tela ou na página, obrigando o redator a um maior número de operações evitáveis se o texto for enxuto) (SILVA, 1988, p.63).

Nos computadores, o trabalho passou a ser mais controlado e o desempenho dos profissionais teve que ser ampliado diante das novas exigências impostas. Com isso, o repórter passa a escrever um maior número de matérias em menos tempo.

As mudanças são percebidas não só no ambiente e na estrutura física, mas também numa nova relação com o texto. O fazer texto através do computador, com suas possibilidades de processamento e arquivo de texto, ganha mobilidade e rapidez (...), mas é no terminal que se escondem as mais saborosas novidades para qualquer jornalista (...) para começar o usuário fica dispensado da preocupação com o fim de cada linha, o computador hifeniza (...) o computador também permite a inserção de qualquer informação, em qualquer ponto (BALDESSAR, 2005, p.3).

As sucursais dos jornais passaram a trabalhar *on line* com a redação. Assim, estar em outra cidade não significa mais, estar isolado do sistema. O texto digitado é enviado, em questão de segundos, para a editoria responsável. As sucursais também sofreram com demissões, pois, sendo um braço da redação e estando a ela diretamente ligadas, muitas de suas funções foram eliminadas.

O trabalho dos correspondentes também mudou. Hoje, com um *lap top*, o jornalista envia sua matéria para a sede do jornal. O sistema de transmissão agilizou sobremaneira o trabalho destes profissionais. Para um corresponde em

outro país, com a proliferação da Internet e do correio eletrônico, todas as matérias e pautas são enviadas e recebidas em um fluxo alucinante.

O envio de fotos, tanto das sucursais quanto dos correspondentes, também é feito pela Internet, uma facilidade sem precedentes na história do jornalismo.

O trabalho dos colunistas também se intensificou no período de difusão das redes. Hoje, existe um processo que se aproxima do monopólio, um pequeno grupo de grandes jornalistas, escreve colunas que estão presentes em jornais de diversos estados brasileiros. Muitos colunistas criaram empresas para gerenciar a venda de suas colunas. Contratam pessoas e vendem seus produtos para os jornais. Um jornal do Rio Grande do Sul e outro do Amazonas podem publicar a mesma coluna escrita por um colunista político, por exemplo. O colunismo se intensificou como mercadoria. Essa transformação só foi possível com o desenvolvimento das redes telemáticas, que permitem o envio rápido das informações.

Uma outra modalidade de trabalho, denominada de teletrabalho também ganha força neste contexto. Segundo Maria Baldessar, o teletrabalho é um trabalho à distância em que se utiliza um computador conectado à Internet. Esse trabalho pode ter vínculo empregatício ou não com as empresas. “A possibilidade de conciliar a atividade profissional com a responsabilidade familiar e a eliminação do estresse causado pelo deslocamento, são atrativos do teletrabalho” (BALDESSAR, 2002, p.81).

Baldessar cita o exemplo de um jornalista brasileiro que mora em Jurerê, interior de uma ilha de Santa Catarina, e é colaborador free-lancer do *World Paper*, jornal sediado em Boston, nos Estados Unidos. A sua tarefa é investigar,

através da Internet, os acontecimentos da política e economia dos países da América Latina. “Além dele, outros 40 jornalistas espalhados pelo mundo colaboram com o *World Paper* cuja redação em Boston conta apenas com quatro profissionais” (BALDESSAR, 2002, p. 84).

Ricardo Noblat traduz o ambiente da redação com clareza e destaca a sutileza envolvida no aprendizado da escrita: “A redação não é o lugar adequado para aprender a escrever. Primeiro porque nela tudo é feito às pressas e ninguém tem muito tempo para ensinar o que quer que seja a outros. Segundo, porque há gente na redação que também não sabe escrever” (NOBLAT, 2003, 77).

A supressão dos revisores, com a introdução da informática, fez aumentar a responsabilidade do jornalista sobre seu texto. O repórter, além de escrever, também tem que revisar seu próprio texto. Apesar de seu trabalho passar pelo crivo do editor, o repórter tem o dever de escrever corretamente, no que se refere à ortografia ou à concordância, e, principalmente, à informação.

O ritmo de vida da sociedade contemporânea tem feito com que os leitores gastem menos tempo com a leitura de seu jornal, pois tempo é dinheiro. O leitor quer estar informado, mas dispõe de pouco tempo para isso. Um jornal vive de anunciantes, mas para tê-los, tem que alcançar grande circulação. Quanto mais vende, mais caro fica seu espaço publicitário. Ao seguir esta lógica, os jornais optaram pela tendência de reduzir o texto jornalístico.

As matérias ficaram mais curtas, os jornais ficaram proporcionalmente menores.

3.3 A Edição

A edição, como última etapa do processo jornalístico, também sofreu modificações com a informatização das redações. Esta é uma das etapas mais importantes da produção do jornal, pois será o editor o responsável por avaliar e publicar as matérias do dia.

Sob este ponto de vista, são consideráveis as transformações no produto jornalístico nos últimos anos. O jornal viu seu tamanho encolher e as matérias ficarem menores. Mas, “preocupados com o pouco tempo que seus leitores têm para se manterem informados, os jornais brasileiros – a exemplo dos norte-americanos – agora de posse de uma tecnologia de informática mais efetiva, mudam os ingredientes da notícia” (VIANNA, 1992, p.148). O texto jornalístico deixou de ser solitário, pois, agora os editores têm a sua disposição outras ferramentas que auxiliem o entendimento do leitor.

A difusão da utilização dos infográficos só foi possível com a modernização dos processos de editoração eletrônica. O uso de programas de computador, capazes de elaborar gráficos complexos, e a evolução das gráficas, possibilitando a utilização ampliada da cor, permitiram que os infográficos passassem a ser amplamente utilizados.

A função deste recurso é ampliar, com dados, as informações contidas na matéria. O editor passa a ter a sua disposição este artifício para favorecer o entendimento do leitor. Quando entra em contato com a matéria enviada pelo repórter, o editor avalia a possibilidade de inserir, junto àquele texto, um infográfico. Se a viabilidade é confirmada, o editor solicita a intervenção de artistas gráficos, que executarão a tarefa.

As ilustrações também são ferramentas bastante eficazes na tarefa de facilitar o entendimento do leitor. Os ilustradores são os profissionais que, diante a

um fato narrado, transformam palavras em imagens. Esta ferramenta é amplamente utilizada nas simulações.

O repórter digita sua matéria em seu terminal. Findo o trabalho, ele manda publicá-la. Então, o editor, de seu terminal, verifica que a matéria está pronta. Abre o arquivo e lê, enquanto corrige eventuais erros do repórter. É nessa fase que ele avalia e já a prepara para o desenho da página. Então, pede ao diagramador que desenhe a página de acordo com as necessidades do dia. Projetada a página, o editor preenche os espaços com o texto do repórter. Neste momento, as ilustrações, fotos e infográficos são inseridos na página pré-diagramada. Estando tudo de acordo com o planejado, o editor faz a revisão e envia tudo para impressão.

O trabalho dos editores foi facilitado com o uso dos computadores à medida que o controle do processo ampliou-se. Hoje, o editor tem total controle do processo produtivo. Um eventual erro possivelmente passou pelos olhos do editor, que tem suas responsabilidades ampliadas.

De seu terminal, este profissional tem controle absoluto do que está acontecendo naquele momento no jornal. As edições passaram a ser feitas com mais precisão e com maior facilidade.

O trabalho com as agências de notícia também foi modificado. Aposentado o telex, agora o editor tem acesso a todas as matérias da agência disponibilizadas *on line*. Lê o que está disponível, seleciona o que precisa, copia e cola em seu editor de textos para as possíveis alterações e posterior publicação. A agilidade deste recurso eliminou a espera do telex e a copidescagem do que era enviado, já que as máquinas de telex não acentuavam as palavras, aumentando o trabalho dos profissionais envolvidos. Todos os textos tinham que ser redigitados, mesmo que fosse publicado a íntegra da matéria.

O banco de fotos *on line* ajuda o editor a decidir, juntamente com os editores de fotografia, quais serão as melhores fotos a serem utilizadas naquela edição.

O editor acompanha de perto o processo, ao decidir a pauta com o repórter, discutir com ele as angulações na matéria, ou até mesmo ao acompanhar a digitação do texto de seu terminal.

Paulo César Magella destaca que hoje o editor “tem meios de saber o que seu repórter está escrevendo, você tem acesso à matéria dele no sistema. Se a matéria estiver pronta, o editor dá uma olhada. Hoje não tem que riscar texto, é tudo virtual” (APÊNDICE 7.4).

Denise Gonçalves reforça a dinâmica da relação entre repórter e editor.

Hoje em dia, acho que se tem melhor domínio do processo. Enquanto o repórter está escrevendo, está lendo, ele pode ler. Antigamente era fragmentado, uma parte do processo dependia de outra, hoje não. Hoje eu estou com pressa e preciso adiantar. Abro a matéria, leio o *lead* e faço o título (APÊNDICE 7.1).

O editor que apenas elaborava títulos dá lugar a um novo perfil profissional mais gerencial, que acompanha e dá suporte ao processo. O repórter apura, redige a matéria, faz títulos, subtítulos, legendas. A função de editor passa a ser de acompanhar o processo de maneira que a qualidade editorial do jornal seja mantida.

O planejamento das edições foi ampliado. Através dos softwares, a boneca do jornal, representação gráfica dos textos, fotos e anúncios, é feita com antecedência. O editor sabe o espaço de que dispõe e tem tempo para reivindicar aumento ou diminuição deste espaço.

O fechamento das edições também foi alterado. A informatização trouxe economia de tempo na produção dos jornais, o que contribuiu para que as edições passassem a ser fechadas mais cedo. O fechamento, que era uma atividade

da madrugada, passa a ser da noite. Fatores ligados à distribuição também contribuíram para que o horário de fechamento das edições fosse encurtado.

Hoje, o editor de política sabe o que a editoria de economia está preparando e vice-versa. Através de seu terminal ele acessa as outras editorias. Parece uma coisa simples e óbvia, mas nos tempos da máquina de escrever as editorias eram estanques, de forma que uma não conhecia o que a outra iria publicar. A integração entre as editorias nas redações foi um ganho fundamental para a produção de um jornal mais coeso.

4 A EXPERIÊNCIA DA MUDANÇA

A informatização das redações dos jornais impressos teve seu início em escala mundial nas décadas de 60 e 70. No caso dos jornais brasileiros, esse processo só começou em 1983, quando a *Folha de S. Paulo* introduziu os primeiros terminais em sua redação. O pioneirismo da *Folha* está diretamente ligado à reestruturação empresarial à qual o jornal era submetido na época e à criação de seu Projeto Editorial.

Carlos Eduardo Lins da Silva conta como a informatização transformou a visão pública do jornal:

A imagem pública do jornal mudou de caráter após a introdução dos terminais de vídeo. Nunca havia ficado tão claro o aspecto de modernidade na personalidade do jornal. A audácia empresarial de arriscar grande volume de capital numa tecnologia pouco testada no país pode ser medida com a constatação de que quatro anos depois, em fevereiro de 1987, apenas quatro outros meios impressos seguiram o exemplo pioneiro da *Folha* (SILVA, 1988, p. 53).

O *Diário Catarinense* foi o primeiro jornal brasileiro a ser lançado já com uma redação informatizada. Em 1986, chegava às bancas o mais novo jornal do grupo RBS. Um jornal novo e moderno, com as mais avançadas tecnologias da época.

Seguiram o exemplo da *Folha*, nos primeiros quatro anos, segundo Ruth Vianna, a revista *Info* e o jornal *O Globo*, ambos do Rio de Janeiro, e a *Tribuna de Santos*, em São Paulo. Mais tarde, foi a vez de *O Estado de S. Paulo*, *Jornal do Brasil* e *Zero Hora*. Ao longo dos anos, todos os jornais de grande circulação introduziram os computadores e aposentaram as máquinas de escrever.

Na imprensa mineira, o pioneirismo coube ao jornal *Hoje em Dia*. Fundado em 1988, foi o primeiro jornal de Minas a ser totalmente informatizado.

Vianna destaca o pensamento dos proprietários do jornal na época da modernização: “Acreditamos que a tecnologia nos permite oferecer um produto de melhor qualidade ao leitor, por um custo menor” (VIANNA, 1992, p. 114).

Esse processo também atingiu o único jornal de circulação significativa em Juiz de Fora no período, a *Tribuna de Minas*. Fundado em 1981, o diário passou uma década sendo feito em máquinas de escrever e, no início da década de 90, entra de vez na era da informatização.

Outro jornal juizforano de expressão, o *Panorama*, foi lançado em 2003, já totalmente sintonizado com o que havia de mais moderno em tecnologia e editoração gráfica. Nasce mais um jornal da era da informatização. A redação do *Panorama* está distante quase 200 quilômetros do parque gráfico no qual o jornal é impresso.

A experiência da mudança na *Tribuna* e a plataforma de trabalho do *Panorama* serão os temas deste capítulo.

4.1 Tribuna de Minas

O jornal *Tribuna de Minas* nasceu em 1º. de setembro de 1981, fundada pelo empresário do ramo imobiliário Juracy Neves. Havia, então, em Juiz de Fora mais dois jornais, o *Diário Mercantil* e o *Diário da Tarde*, ambos de propriedade do mesmo grupo, os Diários Associados, condomínio formado pelas empresas do jornalista e empresário Assis Chateaubriand. Estes dominavam o mercado e suas redações eram compostas pelos melhores jornalistas da região. Os *Diários*, como eram conhecidos, estavam no mercado havia mais de 50 anos.

A primeira turma de jornalistas que compôs a *Tribuna* era formada basicamente por um grupo que trabalhava nos *Diários*, acrescido de contratações de outros profissionais. Não demorou mais que dois anos e os *Diários* fecharam. Especula-se que, além do fator concorrência, os *Diários*, há muito, não andavam bem financeiramente. O grupo Diários Associados já estava desestruturado em todo o Brasil, sobretudo por causa das dívidas deixadas por seu fundador e por uma administração descentralizada. Com o desaparecimento do *Diário Mercantil* e do *Diário da Tarde*, em 1983, tem início o “reinado *Tribuna de Minas*”. O jornal começa a ser líder de vendas e a ter todo o mercado de Juiz de Fora sem concorrências.

Houve tentativas de derrubar a hegemonia da *Tribuna*, com o lançamento do *Diário Regional*, do grupo Regional de Comunicação, fundado pelo professor e empresário do ramo de educação, Josino Aragão. O *Diário Regional* tentou, mas, em pouco tempo, mudou sua linha editorial e minguou sua redação para não mais que meia dúzia de jornalistas. A *Tribuna*, desde então, reinou praticamente sozinha no mercado.

Houve capítulos controversos em sua história, como a mudança da redação para Belo Horizonte em 1986. A *Tribuna* transformou-se em um jornal da capital mineira, voltando-se para a cobertura dos acontecimentos do estado e da capital, fundando momentaneamente, em Juiz de Fora, a *Tribuna da Tarde*. A tentativa não foi bem sucedida, e o jornal retornou em 1988 para Juiz de Fora. No mesmo ano, a *Tribuna da Tarde* deixou de circular. A *Tribuna de Minas* foi, em sua região de atuação, pioneira no processo de modernização da redação.

Nos primeiros anos da década de 90, tem início o processo de informatização da redação da *Tribuna de Minas*. O jornal já tinha computadores, só que estes eram restritos ao processo gráfico. Paulo César Magella, hoje editor geral

do jornal, conta que os jornalistas escreviam suas matérias na máquina de escrever, repassavam para seus editores, que as diagramavam em papel, junto com os diagramadores, no sistema de paicas. Página montada, o material descia para a gráfica, onde um time de 50 digitadores digitava as páginas. Depois, as edições eram montadas por meio do processo de paginação do jornal. O material era repassado aos revisores, que comparavam o material digitado com o datilografado, caso houvesse alguma discordância ou erro, os revisores providenciavam as emendas e as páginas eram fechadas. Cada uma delas ia para a fotomecânica, processo em que se fotografava a página, a fim de que ela virasse uma chapa que, por sua vez, ia para as rotativas, nas quais era impressa a edição do dia.

Os primeiros computadores a chegarem à redação foram os GEPETOS, microcomputadores de processamento a oito bits. Eles eram, segundo os jornalistas que deles se utilizavam na época, verdadeiras máquinas de escrever com monitor. Denise Gonçalves, hoje editora executiva da *Tribuna*, conta que os GEPETOS foram uma forma de acelerar o processo de produção e, ao mesmo tempo, um ganho para a empresa. Naquele momento, os 50 digitadores deixaram seus postos de trabalho. Os jornalistas assumiram suas funções.

A gente não usufruía, naquele momento de transição, de um avanço tecnológico significativo da redação e sim de um ganho de tempo para a empresa, porque deixava de existir a pessoa do digitador, para a gente virar digitador. A gente se sentia assim naquela época. Você não tinha a vantagem do computador que você tem hoje, de pesquisa, do corretor ortográfico, de mexer no texto, puxar um parágrafo de baixo para cima, mudar de lugar, reordenar a frase (APÊNDICE 7.1).

O momento era de resistência entre os jornalistas, a mudança de instrumento de trabalho mexia com os profissionais. Mas existiam agravantes. Paulo César Magella conta que, para usar o GEPETO, era necessária uma série de comandos de computador, a fim de atingir os recursos requeridos. Conhecer estes

comandos e usá-los era mais um obstáculo que concorria para a resistência entre os jornalistas.

Era uma complicação, porque não era PC (*Personal Computer*, Computador Pessoal), era um computador pretão, grande, de oito bits, que tinha mais comandos para você acessar o programa do que para escrever. Eu já escrevia editorial naquela época, revezando com o Eloísio (Furtado de Mendonça, à época editor do jornal). Eu escrevia na máquina de escrever normal e pedia para alguém digitar para mim. Eu não conseguia simplesmente fazer uma matéria no tal computador. Eram os chamados GEPETOS, umas maquininhas pretinhas, e o central era um V8 bits. Os caracteres eram verdes, era uma coisa terrível. Mas nós fomos avançando até chegarmos no nosso sistema atual (APÊNDICE 7.4).

Outro sentimento entre os jornalistas era o de que eles estavam sendo explorados pelos donos do jornal. A demissão dos digitadores e a consciência dos jornalistas de que eles agora, além de suas funções habituais, também estariam acumulando a função de digitadores, os deixava indignados e com a sensação de estarem sendo explorados. Todavia, Denise afirma que este sentimento era, na verdade, gerado pelo choque cultural que estava acontecendo na redação.

Foi muito difícil. Muita gente resistia, os mais velhos então eram resistentes demais. Muita gente achava que era exploração da empresa. Demitiram os digitadores e nos deram este encargo, porque na verdade o processo foi de suprimir a mão de obra. Não tem revisor, digitador, então, todo mundo se sentia explorado. Essa transição foi difícil. Mas é mais uma questão cultural mesmo, ninguém estava sendo explorado. Na verdade, era uma resistência cultural (APÊNDICE 7.1).

Os GEPETOS tinham uma interface muito limitada, eram monocromáticos, ou seja, os caracteres eram visualizados na cor verde. Desprovida de outros recursos, a primeira vantagem que esta máquina proporcionou aos jornalistas foi a possibilidade de uma correção mais eficiente do que com a utilização das máquinas de escrever. Não existiam outros elementos que facilitassem o trabalho do jornalista.

Após algum tempo de utilização dos GEPETOS, a empresa começou a investir mais em informática e a segunda etapa do processo de modernização foi

uma série de PCs, com interface e recursos melhores. Paulo César Magella lembra daquela época.

A cena mais engraçada desta história aconteceu no dia em que instalaram na redação a primeira série de PCs. O Marcos Neves, diretor do jornal, pegou um GEPETO e jogou lá no pátio, da janela do segundo andar, e disse: Nunca mais! Foi uma cena engrassadíssima. Nós entramos na era do PC. Aí foi outra história (APÊNDICE 7.4).

Os primeiros PCs foram os 286, que representaram um grande avanço em relação aos GEPETOS, já que aqueles, continuavam monocromáticos, mas agora em branco, com fundo preto. Os PCs trouxeram uma série de recursos que revolucionariam o processo de composição do texto. Agora os jornalistas tinham a possibilidade de movimentar o texto. Era possível deslocar uma frase que estava no fim da matéria para o início dela, em questão de segundos.

Depois vieram os PCs da linha 386 e, logo em seguida, os 486. As inovações foram maiores com a adoção de programas de computador que ofereciam recursos mais avançados. Quando o software incorporou o corretor ortográfico, o jornalista também assumiu o papel de revisor, e este ofício começa a ser descartado no jornal.

Os programas de edição de texto, com o auxílio do mouse, mostraram-se ferramentas eficientes na produção das matérias. Com a facilidade de movimentação dos textos através do mouse, além da correção ortográfica, o jornal começa a ter ganho de tempo nos fechamentos das edições.

Uma revolução acontece na diagramação do veículo. Através dos softwares específicos para esta função, o processo simplifica-se e todo o desenho da página passa a ser feito nos computadores. Entra-se na era do paginador eletrônico. Os textos dos repórteres são enviados direto para o computador do diagramador, que desenha a página. A fotomecânica é eliminada. Agora o processo

é direto entre diagramação e gráfica. O tempo de produção é reduzido. O engessamento das estruturas que formavam a composição do jornal é flexibilizado. O impacto de um eventual atraso no fechamento, não é mais o mesmo, tendo em vista o horário de entrega do jornal.

Mas o processo de modernização é dinâmico e outros investimentos vieram. Um software de editoração do grupo RBS do Rio Grande do Sul foi adquirido. O *News* é um programa avançando para a editoração de jornais. Ele oferece uma série de recursos que simplificam o processo de composição do jornal. O repórter digita sua matéria em seu terminal, faz a correção ortográfica pelo programa, monta sua matéria com título, subtítulo, legenda, tudo já com a fonte na cor e no corpo que sairá na edição impressa.

Os editores têm total controle do jornal. É possível inclusive acompanhar a digitação da matéria pelo repórter sem sair de seu computador. Um sistema de comunicação interno foi implantado. Através da intranet, os jornalistas conversam por meio de mensagens eletrônicas dentro do próprio programa. A difusão da utilização do e-mail também é um recurso que auxilia a comunicação na redação, seja entre os profissionais, seja com agentes externos.

O editor, através da boneca do jornal, que disponibiliza todas as páginas da edição, com seus respectivos espaços traçados, pode ter um planejamento maior da edição, bem como uma visão geral do jornal. Pela boneca, é possível ver em que páginas há anunciantes e as propriedades destes, ou seja, se são coloridos ou em preto e branco, se podem ou não ser mudados de página. Tais informações são importantes para o processo de produção e representam economia de tempo, não sendo necessário nenhum contato direto entre departamento comercial e departamento de jornalismo.

A internet é disponibilizada em todos os computadores da redação, sendo utilizada como fonte de consulta pelos jornalistas. Todo jornalista da *Tribuna* passa a ter um e-mail da empresa para receber correspondências de leitores e até mesmo informações solicitadas a fontes.

Em 1998, a *Tribuna de Minas* lança o seu site, onde disponibiliza, em sua versão *on line*, as principais matérias de sua versão impressa. Também está disponível na Internet, a seção de classificados do Jornal.

Segundo Denise Gonçalves, o próximo passo será a integração entre o *News* e a diagramação do jornal. O *News* formata a matéria, mas não diagrama. Na nova versão que a *Tribuna de Minas* está adquirindo, o programa terá total interface com a diagramação, sendo possível que o repórter digite sua matéria diretamente na página já diagramada, por exemplo.

Em 2003, chega às bancas o jornal *Panorama*, que, com idéias novas e uma forte estratégia de marketing, tenta desbancar a hegemonia da *Tribuna de Minas*. Dois anos depois, porém, a *Tribuna* continua sendo líder do mercado.

4.2 Jornal Panorama

Em 30 de novembro de 2003, circulava o primeiro número do mais novo jornal de Juiz de Fora. Fundado pelo empresário Omar Peres, que recentemente havia comprado a afiliada da Rede Globo em Juiz de Fora, o jornal *Panorama* seria o braço impresso do também recém-criado grupo denominado de *Organização Panorama*, que reunia, além do jornal, a *TV Panorama*, a *Rádio Panorama* e o portal *iPanorama.com*.

O primeiro número do diário contou com mais de 50 páginas, trazendo uma série de reportagens especiais. O jornal teria todas as suas páginas em policromia, ou seja, todo o jornal seria colorido. Seu slogan era “O diário de Juiz de Fora para Minas Gerais”. Na capa do primeiro exemplar, o *Publisher* do jornal afirmava: “*Panorama* representa um sopro de vida no momento em que vários órgãos de imprensa vivem dificuldades em todo o país. Queremos fazer um jornal moderno, dinâmico e independente” (PERES, 2003, p.1).

O experiente jornalista carioca Fritz Utzeri foi o responsável intelectual pela criação do jornal. De acordo com o jornalista, em entrevista ao primeiro número do *Panorama*, transcorreram apenas cinco meses entre a idéia e sua realização.

A única coisa que não tinha feito, praticamente, até agora, era criar um jornal. Com o *Panorama*, tenho a oportunidade de fazer isso em tempo recorde. Foram cinco meses desde a imaginação até a feitura. É uma experiência que todo jornalista sonha (UMA nova vida dedicada ao jornalismo, 2003, p.3).

Segundo dados do próprio jornal, o primeiro número vendeu cerca de 17 mil exemplares. Na primeira página da sua edição número 4, o veículo afirmava: “A última grande venda de jornal registrada em Juiz de Fora aconteceu em 1967, quando o Diário da Tarde exibiu, em manchete, um crime que mexeu com a sociedade juizforana: o assassinato de um gerente de banco bastante conhecido na cidade” (RECORDE de venda, 2003, p.1).

A identidade visual do novo jornal ficou a cabo do veterano jornalista juizforano Ivanir Yasbeck, que, além de estabelecer o perfil gráfico, também assumiu o cargo de editor executivo. No primeiro exemplar do jornal, ele revela: “O ponto de partida foi a criação do logotipo, inspirado na bela bandeira de JF, desconhecida por muitos” (INÍCIO, meio e fim de carreira em Juiz de Fora, 2003, p.6).

Mas o pioneirismo do *Panorama* está no fato de ser um jornal que já nasce totalmente sintonizado com o que há de tecnologicamente mais moderno no jornalismo impresso. Todo o seu processo de produção nasce informatizado.

Ao contrário do *Panorama*, concebido em apenas cinco meses, o primeiro jornal brasileiro a nascer totalmente informatizado, o *Diário Catarinense*, consumiu quatro anos de estudos, pesquisas e planejamento. O momento, entretanto, era diferente, pois a informatização das redações ainda engatinhava. Segundo Vianna, para a montagem do jornal, a RBS, grupo proprietário, “montou uma equipe de especialistas – profissionais do Zero Hora – que excursionaram pelo exterior, promovendo, também, a vinda de técnicos ao Brasil” (VIANNA, 1992, p. 90). Tudo para estudar qual seria a melhor plataforma a ser utilizada e qual seria a linha editorial a ser seguida pelo novo diário.

Em matéria publicada no exemplar número um, o jornal *Panorama* afirmava que tinha uma das redações mais modernas do Brasil: “Nesse pouco tempo, aconteceram a montagem da equipe, treinamento dos profissionais e a construção física da redação, uma das mais modernas do Brasil” (EQUIPE mobilizada para atender interesse do leitor, 2003, p. 7).

A primeira equipe contou com cerca de 40 jornalistas, entre editores, repórteres, redatores e fotógrafos. Completavam o quadro de funcionários da redação diagramadores, a equipe de arte, e os profissionais de suporte técnico.

A redação, constituída com computadores de última geração, adotou programas sofisticados de editoração eletrônica. Em um terminal do *Panorama*, é possível, por exemplo, gravar uma entrevista por telefone em arquivo de computador, para ser posteriormente decupada e publicada. Os terminais possuem

gravadores de CD, facultando ao jornalista a possibilidade de gravar suas matérias em CDs para arquivá-las.

O GN3 foi o software escolhido para ser utilizado pela redação. Ele integra toda a redação e o processo de produção. Subdivide-se em três outros programas, que são responsáveis por áreas específicas da editoração do jornal.

O GN3 é constituído por um editor de textos. Nele, o jornalista digita a matéria, edita o texto, corrige os eventuais erros, através de seu corretor ortográfico. Tem todos os recursos que um editor de texto pode oferecer, acrescentado ainda a possibilidade de o repórter digitar sua matéria no tamanho da coluna do jornal. Assim é possível saber quanto de espaço aquele texto ocupará na edição.

Existe um outro software responsável pela integração, no qual estão disponíveis todos os textos já produzidos pelo jornal. O editor acompanha todo o processo de produção através deste programa, sendo possível saber quem está fazendo o que. É uma ferramenta de pesquisa, pois todo o arquivo do jornal está disponível *on line*.

Um terceiro programa é utilizado para a diagramação. Nele são montadas as páginas do jornal. É possível ver todo o jornal e acompanhar o processo de diagramação. O editor sabe onde estão as matérias e anúncios. A introdução de fotografias, ilustrações e infográficos também é feita nesta plataforma.

O grande diferencial do GN3 é a interação. Nele é possível que, pressionado pelo tempo, por exemplo, um jornalista digite seu texto diretamente na página final, sem a necessidade de percorrer outros caminhos. Com isso, o próprio jornalista pode colocar o seu texto na página, acompanhar a diagramação, ou simplesmente verificar os espaços reservados, para a melhor feitura do material.

Pelo GN3 é possível ter uma visão mais global do jornal durante seu processo de produção.

Todos os computadores estão ligados através de uma intranet e todos os terminais possuem acesso à internet. Cada jornalista possuiu um e-mail pessoal para correspondência com leitores e contato com as fontes.

Os jornalistas contratados para a primeira equipe, alguns vindos da *Tribuna de Minas*, participaram, durante uma semana de um seminário sobre como utilizar o programa. Através de exemplos e simulações, os profissionais foram treinados para explorar ao máximo todos os recursos oferecidos pelo software.

O jornal *Panorama* não possui parque gráfico, portanto terceiriza os procedimentos de impressão. Graças à modernização tecnológica, o *Panorama* pode ser impresso no Rio de Janeiro.

Está na Rodovia Washington Luís, em Duque de Caxias, a mais de 300 quilômetros de Juiz de Fora, a gráfica do *Infoglobo*. Um parque gráfico de 175 mil metros quadrados. Além do *Panorama*, a gráfica é responsável pela impressão dos jornais *O Globo*, *Extra* e *Valor Econômico*.

A edição inaugural do *Panorama* explica que o tempo gasto com o procedimento de envio das páginas e a impressão é rápido: “Desde a chegada das páginas, transformadas em sinais de rádio e enviados por meio de antenas – até o abastecimento dos caminhões, com os jornais já impressos na tiragem planejada, serão apenas três horas” (PANORAMA é rodado na maior gráfica da América Latina, 2003, p. 12).

Em entrevista ao próprio jornal, o diretor de tecnologia da gráfica explica o processo: “O Jornal *Panorama* usará os mais modernos sistemas de editoração e transmissão digital, o que permitirá fechar o jornal *on line* com nosso

parque gráfico” (PANORAMA é rodado na maior gráfica da América Latina, 2003, p. 12).

A redação do *Panorama* está equipada com um link para o envio das páginas ao parque gráfico. Assim que o jornal é finalizado, o diagramador manda enviar a página para a sede de *O Globo*, no Rio de Janeiro. Esses dados são transformados pelo link de *O Globo* em sinais de rádio, que são enviados a uma antena, no alto do morro do Sumaré. Esta, por sua vez, retransmite esses sinais para uma outra antena no parque gráfico. Os sinais são processados por computadores, reproduzidos em fotolitos, filmes fotográficos que transferem as informações das páginas (textos, imagens e info-gráficos) para chapas de alumínio, ou seja, as matrizes da impressão. Depois de prontas, essas chapas-matrizes são presas aos cilindros das rotativas. O jornal começa a ser rodado.

Passados mais de dois anos desde que teve início sua circulação, o jornal *Panorama* passou por profundas transformações, como o enxugamento dramático de seu quadro de jornalistas. Hoje, sua redação é composta por menos da metade do número de profissionais que lá estava no primeiro número. A quantidade de páginas também foi reduzida. Seu formato migrou, antes mesmo de completar um ano, de *standard* para tablóide. O número de páginas em policromia também foi reduzido. Sua circulação inicial alcançara 120 cidades, hoje são não mais que cinco. Adaptações por meio das quais, o jornal conseguiu continuar vivo, atuante e presente até os dias atuais.

5 CONCLUSÃO

Como a informatização influenciou jornais de cidades de médio porte como Juiz de Fora? De uma maneira geral, os impactos verificados no trabalho jornalístico não foram muito diferentes daqueles ocorridos nas grandes cidades. Os jornalistas juizforanos, tanto quanto os outros, sentiram como o desenvolvimento das tecnologias interferiu na profissão. Angústia, ansiedade e, posteriormente, adaptação. Os computadores tomaram conta das redações. Hoje estão perfeitamente incorporados ao dia-a-dia dos jornais.

As mudanças espaciais favoreceram o aparecimento de uma nova atmosfera para o trabalho jornalístico. O impacto gerado pela introdução das primeiras tecnologias da informática levou os jornalistas a entrarem numa espécie de crise de identidade. O choque cultural provocado pela retirada da máquina de escrever e a introdução dos terminais, fizeram com que muitos profissionais se revoltassem contra seus patrões.

Na *Tribuna de Minas*, único jornal em circulação em Juiz de Fora que atravessou essa experiência, os jornalistas, num primeiro momento, foram tomados por um sentimento de resistência. Nas redações dos grandes jornais brasileiros, os profissionais também expressaram sentimentos similares aos verificados em Juiz de Fora. Segundo Carlos Eduardo Lins da Silva, a introdução dos primeiros computadores na redação não foi bem vista pela maioria dos jornalistas. Nem mesmo o sindicato foi aliado dos jornais, pois acreditava-se que haveria muitas demissões e prejuízo à carreira de muitos jornalistas.

Apesar dessas resistências iniciais, as mudanças no ambiente de trabalho trouxeram melhorias para o exercício da profissão. Num ambiente mais

clean, o jornalista tem a possibilidade de trabalhar com maior eficiência e com menor dispersão. A proibição do cigarro, por exemplo, oferece uma melhor condição de saúde para o trabalhador, principalmente para os não-fumantes, que tinham que conviver, nem sempre pacificamente, com os fumantes. A impossibilidade de manter comidas e bebidas sobre as mesas de trabalho, evitando o aparecimento de insetos e roedores, também foi um ganho para a categoria.

Muitos argumentam que o novo *habitat* contribuiu para “esfriar” as relações entre os jornalistas. Paulo César Magella conta que as pessoas eram mais próximas, mais amigas. Saía-se do jornal e ia-se para um bar. Hoje não, porque se sai em grupo, cada editoria tem o seu horário para sair. Nas redações antigas, as relações entre os jornalistas eram mais próximas, o ambiente trazia consigo um clima mais descontraído e menos uniformizado. Conversava-se mais durante o expediente do trabalho.

As novas redações tornaram-se absolutamente dependentes da energia elétrica, uma interrupção no abastecimento provoca problemas incontornáveis.

Este novo cenário ocasiona uma série de outras conseqüências, dentre elas as mudanças existências. O jornalista começa a trabalhar em um novo sistema de produção em que o dinamismo passa a ser a tônica. Isso faz com que o perfil profissional mude.

Primeiro, os jornais eram escritos à mão, depois, vieram as máquinas de escrever e, mais recentemente, os computadores. Os jornalistas assistem a essas mudanças e delas participam, modificando a maneira como exercem a profissão. O repórter era um homem da rua, tinha que estar em contato diário com

os fatos *in loco*. Hoje, o repórter permanece mais tempo nas redações, a Internet e o telefone são importantes aliados na nova rotina profissional.

A restrição do contato visual com a fonte é negativa para o jornalista. Trejeitos, olhares, gestos, movimentos podem indicar e deixar transparecer o que não está sendo dito. O repórter, ao realizar entrevistas por telefone, perde uma série de informações que só podem ser obtidas quando se está frente a frente com a fonte.

Por outro lado, a entrevista que é feita pessoalmente passa a ser um diferencial para o jornal. Se antes, praticamente todas as fontes eram ouvidas de forma presencial, hoje, apenas uma pequena parcela das entrevistas é realizada dessa maneira. O jornal que disponibiliza profissionais para apuração *in loco*, traz para o seu produto um elemento diferencial, que acrescenta ao resultado final. Ocorre aí uma inversão da característica desse procedimento.

A vocação, tradicionalmente requerida para o exercício do jornalismo, passa a ser questionada. É mesmo necessário ter vocação para ser profissional em um sistema cada vez mais técnico e robotizado? Marcondes Filho afirma que o repórter farejador de notícia entra para a história e dá lugar a um profissional selecionador de informação. Mais técnico, ele deve ser uma peça que funcione bem, 'universal', ou seja, acoplável a qualquer altura do sistema de produção de informações.

Ao mesmo tempo em que a técnica se expande, o aprimoramento profissional também ganha tônica. Hoje as redações exigem um profissional com uma formação mais apurada. Além do curso superior, é necessário que o estreante saiba informática, ao menos uma língua estrangeira e tenha uma certa erudição cultural. O domínio do cenário político, econômico, social, cultural; local, nacional e

internacional também é indispensável. Afirmar que a vocação é dispensável pode ser precipitada, à medida que, ante um profissional que reúna tantos predicados, é de bom tom perceber que tal indivíduo revela inclinação para a profissão.

No rastro deste processo, as mudanças profissionais são sentidas pelos jornalistas. Com o avanço da utilização de novas ferramentas de trabalho, o jornalista se depara com novas indagações acerca de seu ofício.

Um ponto importante é o possível aumento da produtividade do profissional. Para muitos estudiosos, o computador aumentou sim o trabalho dos jornalistas, devido à organização que ele impôs dentro da redação, otimizando os procedimentos e contribuindo para o acúmulo de funções. Hoje é possível que um mesmo profissional exerça um número maior de funções. Um único profissional é capaz de apurar, redigir, editar e diagramar.

O computador aumentou o trabalho dos jornalistas à medida que proporciona mais dinamismo à produção. Se antes o repórter cobria uma ou duas pautas diárias, hoje sua capacidade de produzir matérias se multiplicou. O aprimoramento das agências noticiosas, por exemplo, propiciou uma drástica diminuição, em muitos jornais, do número de profissionais envolvidos na editoria de internacional, por exemplo. Hoje, no jornal *Panorama*, somente um jornalista é responsável pelas páginas de notícias estaduais, nacionais e internacionais. Acúmulo difícil de ser concebido na era dos telex. No caso mencionado, o profissional ainda é responsável pela página de opinião do mesmo jornal.

Outro aspecto polêmico refere-se ao fim da profissão. Os que defendem essa hipótese baseiam-se, principalmente, na multiplicação dos organismos de difusão de informação. Tais argumentos podem ser pertinentes, mas também são extremados. Por mais que haja a possibilidade de se ampliar a difusão

de notícias e se verificar a existência de um leitor mais selecionador e ativo, é inegável que a mediação jornalística é essencial. Seja pela sua formação ou por seu caráter crítico, o jornalista apura, redige e edita as informações, baseado em critérios objetivos. A possibilidade de oferecer a pluralidade de idéias é seu principal trunfo. Somente o jornalismo, como difusor de informação, será capaz de informar, revelando diferentes versões, visões e opiniões. Um emissor não familiarizado com os procedimentos jornalísticos nem sempre atenta para o outro lado e, por vezes, o outro lado não tem como se manifestar publicamente sobre o assunto, falta-lhe o meio, o canal. Entra aí o papel do jornalista, que percorre o caminho da notícia, dando voz aos envolvidos.

Anteriormente, existia nas redações a figura do pauteiro, o profissional responsável por pesquisar e redigir as pautas que, em seguida, seriam apuradas pelos repórteres. Com a evolução das técnicas de produção, estes profissionais foram praticamente extintos. Hoje, é o repórter que se pauta em acordo com seu editor. A exceção de eventos, que são previamente agendados, ou em situações de caráter imprevisível, o repórter acumulou a responsabilidade de ser seu próprio pauteiro.

O processo de apuração foi uma das etapas que mais sofreram alterações com a tecnologia. A difusão e o aprimoramento da Internet foram as principais causas de uma verdadeira revolução na apuração. Mas a facilidade de obtenção de informações tem um preço: a dúvida sobre a credibilidade da fonte.

São inegáveis os benéficos trazidos pela Internet para as redações, porém há de se ponderar os prejuízos que podem ser causados pela má utilização dos recursos. Se, por um lado, ampliaram-se as possibilidades de obter e acessar fontes, por outro, a credibilidade das informações, em muitos casos, pode ser

questionada. O jornalista tem que ter a habilidade de verificar as informações, colocando em prática um princípio básico do jornalismo que é checar a veracidade dos fatos. Nunca na história do jornalismo se pôde trabalhar tão próximo das mais variadas instituições como na era da Internet. A grande maioria das principais entidades governamentais e privadas possuem *sites*, nos quais é disponibilizada uma ampla variedade de informações.

O *e-mail* revolucionou a interação entre jornal e leitor. Com a rapidez e a facilidade de utilização do correio eletrônico, as manifestações enviadas aos jornais cresceram de maneira vertiginosa. Se o leitor acha que há um erro ou uma informação que deve ser acrescentada a uma notícia, envia para a redação, aguardando que, na próxima edição, possa lê-la na sessão de cartas. Nessa nova era, é retomada a 'conversação' entre jornalistas e leitores, prática semelhante a que acontecia nos cafés e bares há mais de quatrocentos anos. Sob esse aspecto, as técnicas mudaram, mas o princípio foi, de certa forma, recuperado.

O desenvolvimento do arquivo digital nos jornais foi outra medida que veio otimizar os procedimentos. Hoje as redações contam com o arquivo digitalizado do jornal, que auxilia o trabalho de pesquisa e cria um atalho na obtenção de dados já publicados pelo jornal.

A primeira etapa do processo de produção a sofrer as modificações da informatização foi a redação de textos. Foram extintos os digitadores, intermediários entre o texto elaborado na redação e sua formatação impressa. As novas ferramentas possibilitaram profundas modificações na relação entre repórter e texto. Com uma interface mais amigável, as possibilidades de correção e transformação do texto foram ampliadas em grande escala.

O maior controle do texto contribuiu para uma redação mais apurada, mais precisa e mais correta. Apesar do registro de aumento de erros ortográficos nos primeiros anos de implantação dos computadores, na maioria dos jornais brasileiros, esse tipo de deslize não ocorre com tanta freqüência nos dias atuais. Infelizmente, os jornais continuam registrando muitos erros, mas, em sua maioria, são de outras naturezas não ligadas precisamente à digitação em si. Não são desprezíveis os benefícios trazidos pelo computador à redação das matérias. Os textos podem ser finalizados com uma economia de tempo formidável, sem contar as possibilidades de correção.

A edição é o terceiro processo que mais sofreu modificações. A passagem da arte final em papel para os monitores de computador propiciou uma flexibilização sem precedentes na edição de jornais impressos. O editor, agora com um perfil mais gerencial, tem o controle total do processo produtivo. Sua responsabilidade é ampliada para uma espécie de fiscal do repórter.

Com maior controle sobre os repórteres, os editores podem cobrar mais e exigir o cumprimento de metas. Tarefas devem ser realizadas em um determinado número, dentro de um limite de tempo. O aumento das responsabilidades individuais dos repórteres não foi acompanhado da elevação de salário. O repórter vive sob vigilância intensa. Essa pressão pode ser negativa para o profissional, bem como para a produção do jornal. A relação historicamente conflituosa entre editor e repórter foi acentuada com a informatização das redações.

Não se pode esquecer que a principal causa a estimular os empresários a investirem em tecnologias foi o processo de reestruturação empresarial que a maioria dos jornais sofreu. Antes produzidos de maneira mais artesanal, os jornais foram submetidos a um projeto de racionalização, que exigiu

complexas transformações. Os proprietários investiram para otimizar o processo de produção, cortar custos e pessoal, tornar mais funcional o conjunto das etapas produzidas.

A adaptação às novas ferramentas foi um dos principais obstáculos para os jornalistas que vivenciaram o processo de mudança. As redações que viram os primeiros computadores eram compostas, em sua maioria, por jornalistas que viviam em uma relação de “paixão” com a profissão. Para eles, o trabalho era mais que uma obrigação, não raro, era a parte mais importante de suas vidas. Era comum, que repórteres possuíssem as “suas” máquinas de escrever. Para estes profissionais, por exemplo, deixá-las e começar a trabalhar com os computadores era algo inconcebível.

Enquanto essa primeira fase de resistência era superada, um novo tipo de sentimento parece tomar corpo na relação do jornalista com sua profissão. A “paixão”, conforme Isabel Travancas, é gradualmente substituída pela relação de “adesão” ao trabalho. Tal envolvimento profissional implica opção subjetiva pelo trabalho, a ele submetendo outros aspectos de vida, sem que para isto se imponha como condição a existência de um sentimento emocional.

O impacto provocado no trabalho dos jornalistas pela informatização pode ser entendido como uma transformação nos procedimentos operacionais da profissão. Na medida em que as ferramentas mudaram, o jornalista se viu obrigado a mudar a maneira de trabalhar na redação. O computador possibilitou que os jornais se tornassem mais maleáveis durante o seu processo de composição. Diante da dinâmica de produção, o jornalista procurou entender a evolução e estabelecer uma relação harmoniosa com a máquina. No início, uma grande parcela resistiu, mas, ao longo do tempo, percebeu-se a importância da nova ferramenta.

Contudo, a evolução é dinâmica. A redação, tal como a conhecemos hoje, poderá ter outra concepção no futuro. Os jornalistas se verão mais uma vez diante do novo, terão que se adaptar e buscar explorar as ferramentas que lhes são oferecidas. O que o profissional não pode perder de vista, porém, são os preceitos que norteiam a profissão, de maneira a não esquecer o bem maior que lhes pertence: a livre circulação de informação e manifestação de idéias.

Os processos de informatização, de uma maneira geral, deixaram marcas no jornalismo impresso. Se, por um lado, trouxeram vantagens para os profissionais, por um outro, ocasionaram prejuízos. A informática hoje é uma realidade em praticamente todos os jornais de médio e grande porte no Brasil. Os jornalistas, diante deste cenário, consideram-na aliada e, amparados em procedimentos éticos, devem tentar, ao máximo, atenuar seus prejuízos. As ferramentas mudam, o ofício, revigorado, permanece.

6 REFERÊNCIAS

ABREU, Alzira Alves de. *A modernização da imprensa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

BALDESSAR, Maria José. *A mudança anunciada: o cotidiano dos jornalistas com o computador na redação*. Florianópolis: Insular, 2003.

----- . *Jornalismo e tecnologia: pioneirismo e contradições*. Disponível em: <http://njmt.incubadora.fapesp.br/portal/publi/mariajose/jornalismo_pioneirismo_tecnologia_e_contradicoes.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2005.

CALDAS, Álvaro (org.). *Deu no jornal: o jornalismo impresso na era da internet*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002.

CAMARGOS, Ana Paula. Desafios da difusão da internet nos países em desenvolvimento: estudo de caso do Brasil. *Comunicação e sociedade: internet*. Universidade Metodista de São Paulo, n.28, p.115-141, 1997.

CARDOSO, Gustavo. *Os portais do internet gatekeeping*. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/cardoso-gustavo-internet-gatekeeping.html>>. Acesso em: 04 abr. 2001.

CARVALHO, Marinilda. *Fetichismo da velocidade: mídia mais distante do cidadão*. Disponível em: <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/al180920021.htm>>. Acesso em: 28 ago. 2005.

CEBRIÁN, Juan Luis. *Cartas a um jovem jornalista*. Lisboa: Bizâncio, 1998.

CORRÊA, Elizabeth Saad. *O jornalista (brasileiro) na sociedade da informação: repórter da realidade, arquiteto da virtualidade*. Disponível em: <http://njmt.incubadora.fapesp.br/portal/publi/elizabeth/jornalista_brasileiro_na_era_da_informacao.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2005.

CUNHA, Ivani. *Legendas: de quem é a culpa?* Disponível em: <<http://ivanicunha.tripod.com/arquivo/1999/legendas.html>>. Acesso em: 8 ago. 2005.

DESTÁCIO, Mauro Celso. *Os cães novamente – perdidos, desta vez?* Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/nucleos/njr/espinal/papiro5.htm>> Acesso em: 30 ago. 2005.

DIMES, Alberto. *O papel do jornal: uma releitura*. São Paulo: Summus, v.15, 1986.

EQUIPE mobilizada para atender interesse do leitor. *Jornal Panorama*, Juiz de Fora, n.1, p. 7, nov. 2003.

FREITAS, Hélio. Os bits da notícia: jornalismo na era da internet. *Comunicação e Sociedade: Internet*. Universidade Metodista de São Paulo, n.28, p.101-114, 1997.

INÍCIO, meio e fim de carreira em Juiz de Fora. *Jornal Panorama*, Juiz de Fora, n.º1, p. 6, nov. 2003.

LEMOS, André (org.). *A cara do jornalismo on line brasileiro e suas tendências*. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/com022/jon_line.html>. Acesso em: 07 out. 2000.

LEMOS, André. *Anjos interativos e retribalização do mundo: sobre interatividade e interfaces digitais*. Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/pesq/cyber/lemos/mterac.html>>. Acesso em: 05 abr. 2000.

----- . *Ciber-sociedade: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/pesq/cyber/lemos/cibersoc.html>>. Acesso em: 07 out. 2000.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência*. Rio de Janeiro: E. 34, 1993.

LOPES, Anabela de Souza. Notícias na internet: um novo jornalismo? In: TRAQUINA, Nelson (org.). *Revista de comunicação e linguagens: jornalismo 2000*. Lisboa: Relógio D'água Ed., n.28, fev. 2000, p.323-326.

KUCINSKI, Bernardo. *O jornalismo na era virtual: ensaios sobre o colapso da razão ética*. São Paulo: UNESP, 2005.

MACHADO, Elias. *O ciberespaço como fonte para os jornalistas*. Salvador: Calandra, 2003.

MANTA, André. *Guia do jornalismo na internet*. Salvador, out. 1997. Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/pesq/cyber/manta/guia/guia.zip>>. Acesso em: 17 dez. 2002.

MARCONDES FILHO, Ciro. *Algumas anotações para futuros jornalistas*. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/nucleos/njr/espinal/ciberia16.htm>>. Acesso em: 30 ago. 2005.

----- . *Comunicação e jornalismo: a saga dos cães perdidos*. São Paulo: Hacker Ed., 2000.

MORAIS, Fernando. *Chatô: o rei do Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

NEVEU, Erik. *O jornalismo entre crise e renascimento*. Disponível em: <http://www.unb.br/fac/posgraduacao/revista2002/07_neveu.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2005.

NOBLAT, Ricardo. *A arte de fazer um jornal diário*. São Paulo: Contexto, ed. 4, 2003.

OUTING, Steve. *O que os jornais deveriam fazer*. Disponível em: <<http://www.uol.com.br/internet/colunas/parem/par260299.htm>>. Acesso em: 25 maio 2000.

PALÁCIOS, Marcos. *Modens, muds, bauds e ftps*: aspectos da comunicação no final do milênio. Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/pesq/cyber/palacios/modens.html>>. Acesso em: 07 out. 2000.

PANORAMA é rodado na maior gráfica da América Latina. *Jornal Panorama*, Juiz de Fora, n.º1, p. 12, nov. 2003.

PERES, Omar Resende. Um novo panorama. *Jornal Panorama*, Juiz de Fora, n.1, p.1, nov. 2003.

PROFUNDEZAS da internet. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, n. , p.f1, ago. 2005.

RECORDE de venda. *Jornal Panorama*, Juiz de Fora, n.4, p.1, dez 2003.

ROCHA, Dora (org). *Eles mudaram a imprensa*. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

ROCHA, Geiza. *Webjornalismo*. Observatório da imprensa. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/asp211120019994.htm>>. Acesso em: 25 nov. 2001.

SENRA, Stella. *O último jornalista*. São Paulo: Estação Liberdade, 1997.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. *Mil dias*: os bastidores da revolução em um grande jornal. São Paulo: Trajetória Cultural, 1988.

----- . *Mil dias*: seis mil dias depois. São Paulo: Publifolha, 2005.

SQUIRA, Sebastião. O jornalismo do futuro. *Comunicação e sociedade: internet*. Universidade Metodista de São Paulo, n.28, p.75-99, 1997.

----- . *Jornalismo no Ciberespaço*. Disponível em: <http://www.usp.br/jorusp/arquivo/1998/jusp456/manchet/rep_res/rep_int/pesqui1.html> Acesso em: 30 ago. 2005.

TALESE, Gay. *O reino e o poder*. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

TRAVANCAS, Isabel Siqueira. *O mundo dos jornalistas*. São Paulo: Summus, 1993.

TONDATO, Marica Perencin. Notas em torno de uma nova tecnologia: internet, diversidade cultural e conglomerados. *Comunicação e sociedade: internet*. Universidade Metodista de São Paulo, n.28, p.143-160, 1997.

UMA nova vida dedicada ao jornalismo. *Jornal Panorama*, Juiz de Fora, n.1, p. 3, nov. 2003.

VIANNA, Ruth Penha Alves. *Informatização da Imprensa Brasileira*. São Paulo: Loyola, 1992.

ZANOTTI, Carlos Alberto. *A disciplina jornalismo aplicado no novo currículo da PUC-Campinas*. Disponível em: <<http://intercom.org.br/papers/xxiii-ci/gt02/gt02a4.pdf>>. Acesso em: 8 ago. 2005.

7 APÊNDICE

7.1 Entrevista - Denise Gonçalves

A editora executiva do jornal *Tribuna de Minas* já soma 21 anos de jornalismo. Destes, 17 dedicados à *Tribuna*. Participou de todo o processo de modernização do jornal e lembra dos velhos tempos do GEPETO, o primeiro computador da redação. Sintonizada com a modernidade, é uma defensora dos benefícios trazidos pela informática ao jornalismo impresso. Entrevista concedida em 26 de setembro de 2005.

O jornal *Tribuna de Minas* foi lançado em 1º de setembro de 1981, como se deu o processo de informatização do veículo?

Foi muito engraçado, porque estávamos acostumados com a máquina de escrever e, de repente, passamos para um computador que era exatamente como uma máquina de escrever. Era o GEPETO, um equipamento obsoleto, um computador preto, com uma tela preta onde apareciam caracteres na cor verde limão. Era uma máquina de escrever, só que você podia apagar com a tecla *delete*, era a única diferença em relação à máquina de escrever. Ele não tinha nenhuma vantagem em relação à máquina de escrever convencional, porque era um digitador, não era um computador pleno. Era só uma máquina de digitar.

Nós digitávamos o texto no GEPETO e pronto, não podíamos movimentá-lo, passar o texto de baixo para cima como fazemos hoje, não tinha corretor ortográfico, não tinha absolutamente nada. Apenas um único recurso, que era sair da máquina de

escrever, aquele mecanismo de borrar papel e, lá na gráfica, digitarem para a gente. Passamos a fazer o trabalho de digitação aqui. A gente não usufruía, naquele momento de transição, de um avanço tecnológico significativo da redação e sim de um ganho de tempo para empresa, porque deixava de existir a pessoa do digitador, para a gente virar digitador. A gente se sentia assim naquela época, você não tinha a vantagem do computador que você tem hoje, de pesquisa, do corretor ortográfico, de mexer no texto, puxar um parágrafo de baixo para cima, mudar de lugar, reordenar a frase. Só tinha o recurso de usar o apagador automático, ao invés de riscar o texto na mão. Era muito prática a máquina de escrever para a gente também, nós não víamos como a vantagem logo de cara não. Foi demorado.

Como foi a transição e qual foi o comportamento dos jornalistas diante dos computadores?

Foi muito difícil. Muita gente resistiu, os mais velhos então eram resistentes demais. Muita gente achava que era exploração da empresa. Demitiram os digitadores e nos deram este encargo, porque, na verdade, o processo foi de suprimir a mão de obra. Não tem revisor, digitador, então, todo mundo se sentia explorado. Essa transição foi difícil. Mas é mais uma questão cultural mesmo. Ninguém estava sendo explorado. Na verdade, era uma resistência cultural. Imagina uma pessoa que chegou aos 40, 50 anos, batendo máquina, datilografando, ter que se adaptar a um teclado de computador? Era uma coisa diferente, posições diferentes, um teclado macio, enquanto uma máquina de escrever é pesada. Eles estavam anos e anos, acostumado com o pesado. Foi muito difícil esta transição. O primeiro ponto foi resistência, porque a gente não tinha a vantagem da máquina, a primeira máquina era só um GEPETO. E o GEPETO era mais nada do que um digitador com tela.

Então, na verdade, só seria isso, digitação. Esse processo foi evoluindo. Aos poucos, a gente foi trocando aquele GEPETO por um computador mais moderno, como o 286. Depois vieram os 386. Vieram os programas para facilitar a vida da gente. Por muitos anos a gente trabalhou no *Word*. Sempre diagramando no *Quark*, mas sempre com o *Word*. Mais recentemente adquirimos um software editorial, que é o *News 2000*, programa com o qual trabalhamos atualmente. Quando veio o 286, já foi uma grande evolução, porque você já tinha um computador que possuía ferramentas. O *Word* permite que você movimente o texto, permite passar um ABC (corretor ortográfico). Existia algum ganho em relação ao antigo computador que era o GEPETO. Você já tinha o corretor ortográfico, já havia como economizar, por exemplo, com a possibilidade de movimentação do texto. Uma informação que havia sido digitada no pé da matéria poderia ser passada para o início, com um simples comando do mouse. Então a gente passou a perceber os ganhos, quando veio o 286.

Ficou mais fácil fazer jornalismo hoje?

Muito mais fácil. O computador representou um ganho de tempo fenomenal. Sem contar o instrumento de pesquisa que ele é. Hoje, você faz tudo sem sair da sua mesa, com exceção de uma reportagem que exige a ida ao local.

O jornalista hoje trabalha mais?

Trabalha melhor, mais não! Pelo contrário, acho que facilitou a vida dele, porque tem tudo a mão, uma consulta à Internet, sem sair da mesa. Hoje ele vai muito mais preparado para uma entrevista. Hoje, por exemplo, para fazer uma matéria, como teve essa semana, apreensão de carne de cavalo, você abre o programa, o *News*, e

tem a possibilidade de procurar o arquivo do jornal digital. No nosso caso, são oito ou dez anos de jornal arquivado digitalmente. Então, eu posso pesquisar tudo o que saiu sobre carne clandestina. Basta eu digitar a palavra e fazer a busca, que o programa dá tudo o que já saiu sobre o assunto no jornal. Antigamente, o trabalho era braçal, tinha que folhear jornal, perguntar na redação se alguém se lembrava quando havia saído uma matéria sobre o assunto. Hoje não, uma simples busca mostra quando foi a última apreensão, a quantidade, etc. Facilitou muito o trabalho, acho que em jornal se tem temas recorrentes, muito freqüentemente. Problemas no trânsito, apreensões, multas; crimes, roubos; são temas recorrentes em jornal. Este banco de dados é fantástico, porque ele dá a tranqüilidade de trabalhar, com precisão de informação, está lá, já tem um documento. Você não tem que ficar gritando: “fulano, pelo amor de Deus, quando foi a maior apreensão de crack em Juiz de Fora?” Eu não sei quando foi, mas não preciso ligar para a polícia para saber. O computador facilitou a vida. Eu acho que ele não trouxe mais trabalho não. Eu acho que ele trouxe mais precisão, um trabalho mais preciso. Ele trouxe mais exigências da chefia em relação a seus repórteres, em função da facilidade que o computador nos dá. Então eu acho descabido alguém chegar para mim e perguntar: “Denise, onde será que se come carne de cavalo?” Respondo: “Puxa, você não olhou na Internet? Eu não acredito que você está me perguntando isso!” Entrevistar fulano de tal que está aí em Juiz de Fora, quem é ele? Eu não vou admitir esse tipo de pergunta. “Não entrou na Internet e procurou saber quem ele é”?

A Internet é uma boa fonte?

A Internet como fonte não é totalmente confiável, mas você tem páginas pessoais, tem alguma referência de tudo, você tem informações bastante confiáveis, basta

saber pesquisar. Existem aí até cursos de RAC, que significa: reportagem com auxílio do computador. É gente que prepara jornalistas para usar o computador como instrumento de pesquisa. Às vezes, a pessoa não sabe pesquisar, entra em um buscador qualquer. Há vários buscadores, os mais confiáveis para páginas pessoais, os mais confiáveis para páginas do governo. Há buscadores de todo tipo, é preciso saber utilizar os recursos. Então, eu acho que o jornalista hoje é mais cobrado. Ele não pode ser mais um cara que não sabe, ele tem que saber. A gente hoje está mais exigente.

Houve mudanças também na edição?

Houve uma transformação em tudo, pela facilidade que o computador trouxe de preparação do texto. Hoje, por exemplo, o meu programa não admite que grave a matéria sem corrigir. Então o meu repórter está lá fazendo a matéria dele e pensa: 'Ah, vou mandar essa porcaria, não vou nem reler!' Pede para salvar, só que não grava, porque o computador emite um aviso dizendo que tem que passar o corretor ortográfico. Se não passar o corretor, ele não grava, você perde a matéria. Tem que passar o corretor. Então o cara, automaticamente, me entrega, independente do dia, se ele está bem ou está mal, se ele está mais atendo ou relaxado, uma matéria mais bem finalizada, no sentido de não ter erros de digitação para corrigir mais. Antigamente, o editor tinha que corrigir erro de digitação de repórter. O cara punha lá uma matéria de qualquer jeito, nem relia e pronto.

E para o editor?

Hoje o editor tem uma visão maior do todo. Antigamente era muito fragmentado. Acho que todo mundo tem uma visão maior do todo, qualquer repórter pode ler

qualquer matéria do programa. Então ele pode saber o que está sendo produzido no jornal inteiro. Não pode entrar para intervir, mudar uma letra, mas ele pode ler, assim como o editor também. Hoje em dia, acho que se tem melhor domínio do processo. Enquanto o repórter está escrevendo, está lendo, ele pode ler. Antigamente era fragmentado, uma parte do processo dependia de outra, hoje não. Hoje eu estou com pressa e preciso adiantar. Abro a matéria, leio o *lead* e faço o título. Consigo acessar a matéria dele, não preciso gritar na redação e perguntar: “Fulano, fecha aí para eu ver.” A gente vai fazer a integração agora do News com o designer. Vai ficar maravilhoso.

É a integração entre a diagramação e editoração numa mesma plataforma?

É, porque a gente passou para este editorial News 2000, que é um software lá do Rio Grande do Sul, adotado no Zero Hora, nos jornais do grupo Zero Hora, da RBS. Mas esse programa não está integrado com a diagramação ainda. Ele manda o material já formatado, na fonte, no corpo, com a fonte de título, com o corpo de título, tudo direitinho para a diagramação. Já vai tudo formatado. É uma biblioteca. Quando se usa um texto, qualquer coisa, aplica-se o estilo, ele abre uma biblioteca e já dá as formatações utilizadas pela diagramação do jornal. Eu ponho o estilo que quero e aplico. Ele me dá a possibilidade de medir o texto, quantos centímetros ele tem. A coluna da *Tribuna* é 4,6cm, aí você pede para medir e ele dá qual será a altura da coluna. Ele dá a boneca eletrônica, dizendo como está o jornal hoje, onde tem anúncio colorido, onde tem preto e branco, quem é o anunciante, se o anunciante é determinado ou indeterminado, se posso ou não mudá-lo de página. Antigamente, você tinha que ligar para o departamento comercial e perguntar se podia mudar o anunciante da página x para a y. Agora não, o comercial já informa

na boneca as características do anúncio. Eu já sei se eu posso movimentá-lo ou não. Eu mesma movimento e peço para o confirmar minha mudança através de um correio interno. Então acho que o computador só trouxe vantagens, não vejo assim nenhuma desvantagem. Há sobrecarga de trabalho? O pessoal reclama muito que houve sobrecarga de trabalho com a introdução dos computadores. Eu acho que a gente ficou mais responsável pelo processo todo e isso fez da gente um melhor profissional. Se você não for cuidadoso, vão sair erros. Se você não souber escrever uma determinada palavra, se é com dois esses, vai sair com cedilha, não tem ninguém para revisar. O processo ficou mais transparente, todo mundo conhece bem o sistema e todo mundo sabe quem está errando o quê. Então o editor, em uma equipe de repórteres, sabe o tipo de matéria, ele sabe quem está corrigindo direito, quem faz uma leitura mais cuidadosa, quem não faz e conhece o processo. Ele acompanha muito mais o processo. Tem total controle.

Você acha que o perfil do repórter mudou?

Mudou muito o papel do repórter hoje em dia. Antigamente, tinha o repórter que era o responsável exclusivamente por produzir a matéria. Ele chegava ao jornal, tinha uma pautinha prontinha, com todas as informações e o que se queria saber do entrevistado. Você já recebia aquele papel prontinho, saía à rua, vinha, sentava-se, escrevia a matéria e ia embora. Hoje não. O repórter tem que se pautar, ele pode até ser pautado, mas ele só será pautado por duas razões: uma, ele não traz boas pautas; outra, porque tem um evento, naquele dia, extraordinário, que me obriga a tirá-lo do que ele mesmo programou. Se ele emplaca boas pautas, dificilmente vai precisar de alguém que o pautar. O repórter faz o título, faz a legenda, faz o bigode, faz tudo. O editor tem hoje um papel muito mais importante do que no passado.

Antigamente, era um fechador, era aquele cara que sabia fazer título, fazia legenda de uma foto, era só isso. Ele não participava do processo. Se a matéria estivesse mal feita, a culpa era do repórter. Às vezes, tinham narizes de cera enormes. Existia muito mais liberdade neste sentido. Hoje não, o editor tem que pegar o cara quando ele chega da rua e conversar sobre o que o repórter trouxe. Então, na conversa discute-se o que será repercutido na matéria. É uma decisão comum entre o editor e o repórter, não é só mais do repórter. O repórter não senta no computador e escreve o que ele quer, ele tem que decidir com o editor como será a matéria. Quando o editor recebe a matéria, ele já sabe o que vai receber. Se sair daquilo que foi combinado, ele pode cobrar, porque ele sabe o que o cara conseguiu na rua, quem ele entrevistou, o que a pessoa respondeu, o que é mais forte de tudo que eles conversaram. A não ser que você omita, mas se você não omitir, aquilo tudo tem condições de orientar melhor, tanto antes de você sair, quanto quando você retornar para escrever. Se ele tem domínio maior do processo do início ao fim, ele intervém menos na edição, no fechamento, eu quero dizer, fazer manchete, fazer legenda, ele intervém bem menos. A gente tem incentivado muito o repórter a produzir o texto com informações não repetidas. Se você colocou na legenda, elimina da matéria, só quem pode fazer isso é o repórter, se a informação não for fundamental para a matéria, deve ser eliminada. Eu acho que o texto hoje é mais bem acabado, mais enxuto.

É melhor trabalhar hoje ou nos tempos da máquina de escrever?

Eu acho que o computador só tem trazido benefícios para a gente. Eu não tenho nada a reclamar. Nada! Com o computador é cada vez melhor.

7.2 Entrevista – Geraldo Muanis

Geraldo Muanis é editor de Nacional e Internacional do Jornal *Panorama*, em Juiz de Fora. Já são 25 anos de experiência no jornalismo. Muanis começou na profissão no jornal *Tribuna de Minas* e também já trabalhou na, hoje extinta, *Tribuna da Tarde*. Foi assessor de imprensa de vários órgãos da Universidade Federal de Juiz de Fora e também da prefeitura. Em seu currículo, há também o trabalho de assessoria para um deputado federal. Em 1986, como secretário do Sindicato dos Jornalistas de Juiz de Fora, foi um dos líderes na cidade da greve nacional, o que lhe casou uma demissão, por sinal, a única ocorrida em Juiz de Fora, em consequência da greve. Em 1995, foi o primeiro jornalista juizforano a ter uma *homepage*. Entrevista concedida em 17 de setembro de 2005.

Você começou a trabalhar na *Tribuna de Minas* em 1980, como era a redação naquela época?

Máquina de escrever. No processo inicial de informatização da *Tribuna*, os computadores eram os famosos GEPETO, que eram terríveis. No início você tem problemas, por não ter paciência ou simplesmente pelo fato de estar aprendendo e, muitas vezes, o jornalista olha aquilo com desconfiança, com um certo medo. Acha que não vai dar certo, acha que vai perder o texto. Até você tomar conhecimento, travar conhecimento com a máquina, é meio complicado, passava-se muita raiva.

Como foi a reação dos jornalistas com a introdução dos computadores na redação?

Eu fui sempre renitente. Às vezes, preferia fazer meu texto na máquina. Eu dizia que ia fazer na máquina e alguém depois digitava no computador para mim, exatamente por não ter paciência suficiente para operar o computador. Porque o GEPETO não é nem a primeira geração, aquilo é ante-geração de computador, primórdio mesmo. A gente só digitava o texto, que ficava num arquivo e, depois, alguém é que iria fazer o serviço.

E para você? Como foi?

O meu momento era de raiva. Era tudo muito primário, difícil de trabalhar. Quando fui trabalhar na sucursal do *Hoje em Dia*, aqui em Juiz de Fora, por um mês, já dominava o computador, porque já havia trabalhado no Softex. Já tinha um conhecimento muito maior. Mas, na Sucursal do *Hoje em Dia*, eu vi que o negócio era mais complicado ainda, porque uma sucursal de Belo Horizonte, aqui em Juiz de Fora, também estava andando a passos de gatinho. Muita gente lá na frente e eles aqui para trás. E na *Tribuna*, quando o processo avançou, eu deixei de trabalhar lá. Fui para o Softex. Lá eu tomei gosto pela informática, aprendi muito, perdi o medo, conheci a Internet. A ojeriza que eu tinha do computador, em 1995, quando fui trabalhar no Softex era muito grande.

Você tem saudade das máquinas de escrever?

Quando você trabalha com as pretinhas, as máquina de escrever, cria um relacionamento que é diferente, é quente, você guarda um certo sentimentalismo, você tem saudade da época da máquina de escrever, por que computador é tudo muito frio. Então você tem que aprender, seguir o curso natural das coisas. A tecnologia está aí, para incentivar as pessoas, para trabalhar a seu lado. Agora, o

dia que faltar luz, você vai bater sua máquina onde? Tecnologia é muito bom enquanto as coisas estão funcionando, quando não, a tecnologia não adianta nada.

E os costumes da época?

O café ficava do lado da gente. Quando eu fumava eram, um cigarro e uma xícara de café. Hoje não pode. Não combina. Acho que tem uma visão romântica. Você vê um jornalista sentado na máquina de escrever com um cinzeiro lotado de cinza e os copos sujos de café ao lado. Bem romântico.

Você acha que o jornalista produz mais hoje?

Acho que não interferiu muito. Hoje as coisas são mais facilitadas por causa da Internet. O acesso às informações está muito mais fácil, mais rápido, mais ágil.

Quantas pessoas estão trabalhando aqui na redação hoje, um dia de sábado?

Um cinco pessoas.

Se fosse nos tempos da máquina de escrever, isso não seria possível?

De jeito nenhum. Porque, naquela época, você tinha máquina de escrever e telex, que era noticiário de agência. Na *Tribuna de Minas*, trabalhávamos com a Brasil e a *Associated Press*. Era terrível também, porque você dependia daquilo. Se tivesse uma greve era possível você fechar com um noticiário de telex, mais muito mais demorado, com certeza. Hoje não, com a Internet e com o computador, você, com duas pessoas, é capaz de produzir. Uma faz e a outra diagrama. Se o cara souber, ele faz tudo. E tem um outro detalhe, a tecnologia é muito boa, mas tem que se ter cuidado. O jornalista hoje pode ir lá no Iraque; ele mesmo fotografa, faz o texto. Tudo

ao mesmo tempo. É *on line*. Em questão de pouco tempo, esta foto já está aqui na redação. Uma pessoa é capaz de fazer todo o serviço e mandar a página toda editada para cá. Nós vamos ter só o trabalho de colocá-la no molde e mandar para o Rio de Janeiro para imprimir.

O processo foi simplificado?

Muito, o que é uma coisa perigosa em termos de mercado de trabalho, de restrição de trabalho para os jornalistas. A informática abre caminho. O jornalista hoje tem que se virar. Primeira coisa: ele tem que saber informática e um pouquinho de inglês para se virar.

È melhor trabalhar hoje?

Hoje é mais fácil, mas não sei se é melhor. Você vai falar que é melhor, porque você faz as coisas com mais tempo, vai ter mais tempo para fazer outras coisas. Antes era mais complicado. Mas não sei. Há a questão do romantismo, de ser mais bonito. Você poder esperar até as duas da manhã para ver se o Tancredo Neves ia morrer ou não, como a gente ficava na redação naquela época. Hoje é bem diferente.

O deadline encurtou com a informatização?

É verdade. Aqui no *Panorama*, por exemplo, o nosso deadline é dez horas da noite. Teve a votação para a cassação do Roberto Jéferson. Eu estava rezando para acabar rápido, porque tínhamos que mandar a página para o Rio. Acabou nove e meia, já era sabido que ele seria cassado. Já tinha deixado mais ou menos as coisas encaminhadas, só faltava alinhar o texto da cassação e pronto.

Você trabalhou na *Tribuna*, acostumado com a gráfica ao lado da redação. Como é hoje trabalhar em um jornal cuja gráfica está em outro estado, no Rio de Janeiro?

A coisa fica complicada, porque você não tem à sua disposição uma gráfica, onde pode ir ver como estão as coisas. Na *Tribuna*, era assim. Aconteceu alguma coisa, você está na redação (a gráfica era no mesmo prédio), ligava para lá e dizia: segura aí, porque nós vamos mudar uma matéria. Aí a gente ia lá e mudava lá mesmo, na gráfica. Eu cansei de fazer isso. Eu e o Ronaldo Dutra Pereira, que era o editor de Nacional/Internacional da *Tribuna*. A gente ia lá e mudava. Hoje não tem jeito, é às dez horas e ponto. No exemplo da cassação do deputado Roberto Jéferson, caso o resultado saísse às dez e quinze, o jornal já estaria fechado. Não tem jeito, não tem jeito de mudar. Se você for mudar, tem que ligar para o Rio de Janeiro, pedir para eles retornarem uma página para refazer aqui. Você refaz e manda de novo. Só que quando você manda de novo, perde lugar na fila da impressão. Eles têm o horário que roda o *Lance*, *O Globo*, *O Extra*. Se você perde a fila, sabe que horas você vai vender esse jornal aqui? Onze horas da manhã! Então perdeu a fila, não tem jeito não. É uma coisa que joga contra a gente.

O *Panorama* foi lançado já como um jornal todo informatizado. Como foram os primeiros meses?

O problema que a gente tem é aquela certa dose de renitência com o que é novo. Então, tem que aprender o que é o GN3, que é o programa que nós utilizamos aqui. Nós tivemos aulas durante uma semana para aprender a mexer com o programa. Aí você vai, freqüenta uma aula, duas, três...Pega noções gerais, mas só vai aprender

mesmo na prática, com seus erros. Um mês depois você já está dominando. Demora, mais você consegue se adaptar.

A Internet mudou a questão da apuração jornalística?

O problema da Internet é medir até que ponto as fontes são confiáveis. Você tem que entrar num site oficial. Aí é confiável. Pode citar o site sem problema. Mas, se for uma informação muito melindrosa, é sempre aconselhável checar. Você tem que fazer o contato telefônico e questionar. Essa informação é correta? Na Internet, há muitos problemas. Os inúmeros erros de português são um exemplo. Há muitos dados controversos também. Você tem que checar a informação, o que é muito complicado. A Internet é fantástica, tem muitas informações, mas você tem que saber o que é ou não confiável. Você simplesmente reproduzir as coisas que estão ali pode ser um grande problema. Hoje, você faz jornal com pouquíssimas pessoas. Você dispensa o jornalista e faz um jornal com 95% de Internet. Porque tem gente que rouba matéria, junta três, quatro, cinco sites e monta uma matéria numa boa, sem dar satisfação para ninguém.

Você é editor de Nacional/Internacional, o trabalho melhorou muito com a Internet? Hoje todas as agências trabalham com conteúdo *on line*.

Fica muito mais fácil. A gente trabalha com a EFE, agência *O Globo* e agência *Brasil*. Mas eu vejo um grande problema na Internet. As redações estão ficando a reboque dela. A Internet, de minuto em minuto, está atualizando informações, mas essa pressa é perigosa. O site pode julgar uma notícia errada. O errado é detectado depois e, em seguida, desmentido, mas a primeira informação já foi ao ar. Então, no rádio, o locutor leu na Internet aquela primeira informação errada, cria-se um grande

problema de desinformação. Não haver tempo hábil para checar as coisas! A Internet é ótima, mas ela, às vezes, é perigosa em termos de apuração. Quando a redação vive a mercê dela, somente da Internet, acho complicado.

Você já teve problemas com a tecnologia?

Eu tenho um exemplo clássico. Aqui no *Panorama* nós tínhamos um arquivo de fotos maravilhoso, um arsenal fotográfico. Muitas fotos se perderam. Hoje, às vezes, preciso de uma foto e não a encontro. Foi negligência e falha do sistema. Se ainda tivéssemos o arquivo físico, só em caso de incêndio perderíamos estas fotos. No sistema digital, você deletou, acabou.

O jornal tem que ser mais interpretativo?

Eu sempre fui adepto do jornalismo interpretativo. Mas você entra numa redação de jornal, a coisa é um pouco diferente. Por exemplo, no *Panorama*, que é tablóide, você tem que ser essencialmente informativo, por causa do espaço. E esse informativo tem que ser mais reduzido ainda. É uma ginástica que você tem que fazer. Pegar cinco matérias e transformar em uma, por causa de espaço.

Você acha que o jornalismo impresso ainda é muito declaratório?

Muito! Principalmente na política. Um ótimo exemplo é o do deputado Roberto Jéferson. Como é que começou? Ele contactou a jornalista da *Folha de S. Paulo*. É como se ele estivesse utilizando a repórter para alcançar o objetivo dele. Mas até que ponto isso não é usar o repórter? Eu dei este exemplo, mas isso é o tempo todo na política, que é uma área muito sensível e o jornalista sempre tem que estar esperto para não cair em armadilhas. Tem que ter o distanciamento.

O jornalismo hoje confunde ou esclarece o leitor?

Eu acho que o leitor deveria ficar mais desconfiado, porque a gente que é jornalista vê que a grande maioria dos jornais é tendenciosa e com muita falha. É difícil o cara ficar totalmente isento. Sempre vai haver uma vírgula, com algum fim e, para quem sabe ver além da entrelinhas, vai perceber: aqui tem coisa!

A tecnologia veio para ajudar o jornalista?

Existe uma frase de Bernard Baruch (financista americano) que diz: "Ao longo de minha vida, testemunhei várias revoluções tecnológicas. Nenhuma eliminou a necessidade de caráter nas pessoas, ou a capacidade de pensar". Eu acho que é preciso ter consciência ética e esta nunca deve estar dissociada do conhecimento técnico do ofício jornalístico.

7.3 Entrevista – Kátia Dias

Kátia Dias começou como estagiária no jornal *Diário Mercantil*, em 1977. Durante seus 28 anos de carreira, participou da primeira edição da *Tribuna de Minas*, em 1981, e, em 2003, do primeiro número do Jornal *Panorama*. Quando era editora de cultura da *Tribuna*, participou do lançamento do Caderno Dois. Trabalhou também como editora no jornal *Tribuna da Tarde*. Atualmente é editora de Suplementos do Jornal *Panorama*. Entrevista concedida em 20 de setembro de 2005.

Como era a redação do *Diário Mercantil* em 1977?

Quando eu comecei a trabalhar, a impressão ainda era no linotipo, depois veio o off-set. Este sistema veio em uma época muito delicada, a época dos famosos petrodólares. Então, todas as dívidas que foram contraídas nesta época, referentes ao maquinário comprado no exterior, eram atreladas aos petrodólares. De repente, ficaram muito caras, exorbitantes. Com a crise, o dólar ficou muito caro e endividou as empresas que haviam feito este tipo de transação. Eu acho que foi isso que aconteceu com *Diário Mercantil*. Mas a redação era maravilhosa, repleta de máquinas de escrever, muita gente boa trabalhava lá.

Como foi sua ida para a *Tribuna de Minas*?

Eu comecei na *Tribuna* em 1981, junto com a primeira equipe, do jornal. A *Tribuna* nasceu como um jornal absolutamente novo. Seu slogan era “Um jornal novo nas idéias e nos objetivos”. A redação era super nova. As pessoas estavam super a fim de fazer tudo diferente e foi muito bom. A *Tribuna* já começou com um maquinário

off-set. O mais triste é que o *Diário Mercantil* veio a fechar cerca de dois anos depois da entrada da *Tribuna* no mercado.

Você estava na redação da *Tribuna de Minas* na época em que houve o processo de informatização. Como foi esta experiência?

Os primeiros computadores que chegaram à redação foram os GEPETO, uma referência ao personagem GEPETO, da história do pinóquio, que fazia brinquedos que depois ganhavam alma. As mudanças tecnológicas foram gradativas. É muito delicado você passar da máquina de escrever para o computador, porque o computador é um avanço. No início, absorver aquela tecnologia, foi difícil. Você perde matéria, ninguém perde matéria em uma máquina de escrever. No máximo, você joga fora uma lauda e depois a recupera e diz: não esta estava melhor do que a outra que eu fiz depois!

E quando dá uma pane no disco rígido do computador? Alguma coisa assim que você perde tudo. Isso já aconteceu comigo! Um outro exemplo é o programa do computador. Você está lá com a página pronta e a perde toda, às vezes, por um erro seu, não só da máquina. Às vezes, por você não dominar de uma forma excelente toda a tecnologia, perde tempo e trabalho. Pode-se dizer que é impossível no computador, alguém perder alguma coisa. Mas a gente perde. Às vezes, se desesperava e dizia: vou para casa, não aquento mais. Não vou fazer mais página nenhuma, que eu já perdi duas, por exemplo. Dá um pique de luz, o *stand by* está lá, era para você não perder nada, mas perde. Aí você se desespera de novo.

Como foi a reação, na época por parte dos jornalistas?

O tipo de computador que chegou na redação era atraente, os GEPETOS. Eles eram computadores pessoais comuns, só que com os monitores com caracteres verdes. Um pouco mais lento, com poucos recursos, mas era o que existia. Você fazia sua matéria, ninguém mexia. Na máquina de escrever, é tudo poético. Se há uma falta de energia, você abre sua gaveta, acende uma vela e continua seu trabalho normalmente. Todo jornalista, no Diário Mercantil e no início da *Tribuna*, tinha uma vela na gaveta de sua mesa. Apagou a luz, ninguém parava não. Você acendia sua vela e continuava seu trabalho. Ninguém saía da redação porque acabou a luz. Hoje não tem jeito, todo mundo tem que sair. Você vai fazer o quê? O computador fechou, não tem nada para você fazer. Você não pode digitar, diagramar... E todas estas funções continuavam na época das máquinas de escrever, tudo à luz de vela. Era lindo isso! A gente fazia o jornal todo, não atrasava por questões técnicas, atrasava para esperar uma matéria fantástica, esperar uma coisa que ia acontecer, isso era o que atrasava. Hoje, o maquinário pode quebrar, o computador pode dar uma pane, pode acabar a luz, você tem um *stand by*, mas ele não vai funcionar corretamente. Você tem o *no breack*, mas ele não funciona adequadamente. Você perde; as coisas se perdem.

Como foi esse processo de adaptação?

Eu não acho que houve grandes resistências não. Eu talvez pertença a uma geração meio poética, que gostava da máquina de escrever. Mas esses avanços vieram com outros avanços. Minha geração viu muitos avanços tecnológicos nascerem, como máquinas de filmar domésticas, DVDs, celulares. Foi natural, porque é no seu dia-a-dia. Não foi uma coisa dura não. Primeiro foram as GEPETOS; depois, as coisas foram evoluindo para melhor, de maneira a ampliar os recursos. Aos poucos, as

máquinas monstruosas vão dando lugar a máquinas menores, mais bonitas e muito mais complexas em termos de recursos. Eu estava na *Tribuna* de Minas como editora de Suplementos em 2001. Ganhei de meu marido um *palm top*. Fui convidada para o lançamento de um carro da Renault no Rio Grande do Sul. Eu li tudo sobre o assunto, mas em meu *Palm Top* havia todas as informações. Cheguei na coletiva de imprensa com o equipamento, dentre os cem jornalistas. Quando olhei em volta, ninguém tinha um *Palm Top*. Mais que isso, a montadora colocou um bloco e uma caneta nas cadeiras para os jornalistas. Quer dizer, as coisas têm que chegar aos poucos. Fiquei com vergonha e discretamente coloquei o computador na bolsa e não o usei. Até hoje jornalista não usa *Palm Top*. Aí o computador ficou guardado. Eu não uso. Conheço algumas pessoas que usam esses recursos, mas são executivos. A tecnologia tem impacto sim, mas ela tem o seu tempo. Hoje o jornalista com *Palm Top* fica muito arrogante. Eu nunca usei o *palm top* em uma entrevista, porque, com os jornalistas que convivo, inclusive no exterior, nenhum deles usa *Palm Top*.

É melhor o trabalho hoje com os computadores ou na época da vela com a máquina de escrever?

Eu acho que com a vela e a máquina de escrever era muito mais prático. A tecnologia transforma o seu trabalho em um trabalho mais veloz, mas essa velocidade tem um preço. Ele pode te atrasá-lo também. É uma faca de dois gumes. Pode fazer você perder uma página inteira, uma matéria inteira com um simples pique de luz. E não adianta dizer que isso não acontece, pois acontece em todos os jornais. Tenho amigos no *Estado de S. Paulo*, no *Jornal do Brasil*, em *O Globo*. Todos eles contam que isso acontece.

O trabalho hoje ficou mais fácil?

Ficou mais fácil, porque você encara as coisas mais tranquilamente. Por exemplo, os arquivos, antes você tinha que ter os arquivos pessoais. Você tinha que assinar vários jornais, várias revistas. Se você não tinha dinheiro para isso, o jornal era quem assinava. Você tinha que chegar na redação e ler tudo. Hoje como você se prepara para uma entrevista? Você vai para a Internet. É rápido, é instantâneo. Isto é maravilhoso. Nenhum jornalista sai da redação mal informado para cobrir uma pauta. Só quem realmente não se importa, porque as informações estão todas ali. O arquivo permite acessar as suas próprias matérias de tempos atrás. Antes, você guardava isso na sua casa. Ai chegava para fazer uma matéria e dizia: vou ter que voltar lá em casa para embasar-me mais. A velocidade é maravilhosa sob este aspecto.

Você participou da primeira edição da *Tribuna*, na época da máquina de escrever, e, mais recentemente, você também participou do primeiro número do jornal *Panorama*, totalmente informatizado. É possível fazer uma comparação?

Você se adapta às situações. É como se fosse a carroça (o modo como se fazia jornal na época do primeiro exemplar da *Tribuna*) e o jato (o modo como foi feito o primeiro número do jornal *Panorama*). O linotiposeria a carroça e o GN3, o jato. O GN3 é realmente um programa fabuloso. A comparação é essa, você tem uma carroça em um momento e um jato depois, mas ambos levam ao mesmo lugar.

Como foi o processo de adaptação no *Panorama*?

O GN3 é um software que permite encontrar erros, porque a gente tem uma dificuldade muito grande de ir lá e achar os próprios erros. Se você estiver trabalhando no TED Extra (editor de texto do GN3), por exemplo, ele mostra todos os erros ortográficos que você está cometendo. Ele não vai dizer que a concordância está errada, mas sublinha as palavras escritas erradas, o que já é uma boa coisa. Mesmo assim a gente erra. Num domingo eu errei uma concordância, porque estava atrasada e, a página saiu errada. É a pior coisa que pode acontecer a um editor, ou um repórter : no dia seguinte, detectar um erro que cometeu. Não precisa ninguém dizer nada. Ele enxerga o erro e pergunta: como é que eu escrevi isso? Como? São bobagens cruéis para gente. Num título do caderno de turismo, eu fui relapsa com o programa e acabei escrevendo jibóia com “g”. Saiu, porque eu não prestei atenção à marca vermelha que estava debaixo da palavra, indicando que ela estava escrita errada. A pressa, o desespero de ter que fechar, isso contribui para erro, isso acontece e vai continuar a acontecer, porque nós somos passíveis destes erros mesmo. Não tem jeito, o que é duro, cruel para o profissional.

O jornal tem que ser mais interpretativo?

O jornal é um testemunho. Eu acho que, por exemplo, a Internet, é importante para gente e para muita gente, mas nem todos têm acesso. O jornal, pelo menos na banca, muitas pessoas estão lendo, ninguém compra, mas está todo mundo lendo. Não compra porque, às vezes, não tem dinheiro ou porque tem outras prioridades ou quer comprar um monte e tem que escolher um. Eles param e ficam pelo menos 40 minutos lendo tudo. Alguns folheiam e o dono da banca pede para não abrir o jornal. Mas talvez o novo papel do jornal seja dar uma visão mais ampliada, interpretar

melhor os fatos. É traduzir o complexo da situação, sintetizá-la, interpretar a complexidade para o leitor, mastigar os fatos.

O jornalismo hoje confunde ou esclarece o leitor?

Eu acho que o jornal hoje esclarece. Eu acho que, na Internet, por exemplo, onde você teria mais informações, tem também um lixo enorme. Se você digitar CPI, vai aparecer um bilhão de informações. Você lê desde a coisa que você quer ler até o que você não quer ler. Um milhão de coisas chegam para você. São 50 páginas no Google, 100 páginas só com uma palavrinha pequena tipo CPI. Vem o que você não quer. Como você elimina isso? Chegam, em média, 200 e-mails por dia na minha caixa postal do jornal, sendo que 150 são lixo, são *spams*. Os que eu abro, leio, respondo são no máximo, 50. Eu acho que o jornal não tem tempo para esse lixo e a função do jornalista é essa, filtrar essas informações, para você não precisar recorrer ao lixo. É duro fazer uma pesquisa na Internet e acessar tudo que não tem importância. Às vezes, você não consegue encontrar o que procura devido ao grande volume de opções que lhe é ofertado. É ágil a Internet, é ágil o computador? É. Mas eu acho que o jornal ainda carrega aquela força, aquela poesia. Se você está lendo e não entendeu alguma coisa, você lê de novo e lê amanhã. Ele é tua testemunha amanhã. Por isso, quando a gente, jornalista, escreve alguma coisa errada, ela não tem volta, não tem desculpas.

Você acha que o jornalista trabalha mais hoje?

Muito mais. Você acumula várias funções. Você diagrama, faz tudo. É muito delicada essa questão. Acho que o trabalho aumentou muito. Um editor hoje, por exemplo, tem absoluto controle do processo. Antes, você fazia sua matéria, corrigia,

passava para um digitador, então, a coisa passava por várias pessoas até chegar a ser rodada. Hoje não, o editor responde diretamente pelo texto final. Se houver algum erro, provavelmente é do editor, que ele cometeu ou deixou passar.

Você teve algum problema com a tecnologia?

Eu lembro de uma observação do Ronaldo Dutra Pereira, editor de Internacional e Nacional da *Tribuna de Minas*, com quem eu trabalho desde de 1977, inclusive eu fiz vestibular junto com ele. Em um seminário, alguém disse que era preciso domar a tecnologia. Então ele disse que agora ele iria vir para a redação com um chicote, um chicote mesmo de verdade, para domar esta tal de tecnologia. Ele dizia: enquanto eu não domar isso, não vou ficar tranqüilo. Eu acho que, quando você gosta de alguma coisa, adapta-se às inovações, mesmo que nem sempre elas sejam tão boas assim. Você se adapta a qualquer coisa, até ao que não é bom.

7.4 Entrevista – Paulo César Magella

Ele começou no rádio, no início da década de 70. Cinco anos mais tarde inicia sua carreira no jornalismo impresso. Primeiro, como repórter de política no *Diário Mercantil*; depois, como editor. Hoje, Paulo César Magella é editor-chefe da *Tribuna de Minas*, jornal em que está presente desde o primeiro número, em 1981. Entrevista concedida em 26 de setembro de 2005.

O jornal *Tribuna de Minas* foi lançado em 1º de setembro de 1981, como se deu a primeira fase de implantação dos computadores na redação?

Era uma complicação, porque não era PC (Personal Computer, Computador Pessoal), era um computador pretão, grande, de 8 bits, que tinha mais comando para você acessar o programa do que para escrever. Eu já escrevia editorial naquela época, revezando com o Eloísio (Furtado de Mendonça, na época editor-geral da *Tribuna de Minas*). Eu escrevia na máquina de escrever e pedia para alguém digitar para mim. Eu não conseguia simplesmente fazer uma matéria no tal computador. Eram os chamados GEPETOS, umas maquininhas pretinhas, e o central era um V8 Bits. Os caracteres eram verdes, era uma coisa terrível. Mas nós fomos avançando até chegarmos no nosso sistema atual.

Qual foi o comportamento dos jornalistas diante dos computadores?

Houve uma resistência muito grande, tal a complicação, os comandos difíceis. Só os repórteres é que faziam matérias neles. Os editores preferiam fazer as matérias na máquina e pedir a alguém para digitar ou alguma coisa assim. Depois, quando veio o PC, a cena mais engraçada desta história foi no dia em que instalaram na redação

a primeira série de PCs. O Marcos Neves, diretor do jornal, pegou um GEPETO e jogou lá no pátio, da janela do segundo andar, e disse: Nunca mais! Foi uma cena engrassadíssima. Nós entramos na era do PC. Aí é outra história.

Como foi o processo de informatização?

O processo acelerou e começou toda a perversidade tecnológica, porque até então era na máquina de escrever, e eu presenciei várias etapas. Como é que era produzido o jornal? O repórter fazia a matéria na máquina de escrever, que ia para a digitação; nós tínhamos um grupo de digitadores, 50 repórteres e 50 digitadores, porque eles tinham que digitar classificados também; lá embaixo era uma sala inteira de digitadores, eles digitavam as matérias no computador, para um programa. Então, depois da digitação elas vinham para a montagem, diagramava-se a página toda, o editor pegava todas as matérias, o texto, diagramava, sentava-se com o diagramador, diagramava a página, media em paucas, via quantas linhas dava, fazia o título de acordo com a medida. O título tinha que vir na cabeça, no tamanho do espaço. Depois disso, descia-se com o papel, já se numerava a página, para o pessoal da digitação e eles digitavam. Depois, essa página ia para o processo de colagem, a paginação. Paginava-se, passava pelo revisor, que lia as matérias. Se houvesse erro, ele punha uma emenda, colava, aí se repaginava. Então, de acordo com aquele espelho que você tinha diagramado, ele olhava a matéria e colava. Depois, ia para a fotomecânica. Fotografava-se esta página, que iria virar uma chapa e que, por sua vez, iria para as rotativas. Onde entra a perversidade da informática? Revisor? Agora o computador tem revisor de texto, então revisor foi eliminado. Digitador? Cinquenta pessoas foram demitidas. Foto mecânica? Não precisa, a página já vai direto para a gráfica. Então você vê como foi cortando gente.

Esse é o lado perverso. Por outro lado, a gente tinha que fechar o jornal dez horas da noite, oito horas da noite, porque tinha todo esse processo, senão atrasava o jornal. Hoje, você fecha meia-noite, às duas horas da manhã, ele já está pronto, rodado. Você acaba a página aqui e ela vai cair lá dentro, pronta para virar chapa, não tem que carregar página. Quando eu comecei no *Diário Mercantil* era pior ainda. Lá, era no linotipo, iam caindo as letras de chumbo, prendia-se a composição com parafuso, passava-se um papel por cima para tirar uma prova. Se houvesse alguma coisa errada, tinha que trocar uma linha inteira para corrigir. Você ia levar a página, tropeçava, caía, tinha que compor tudo novamente. Tinha-se que fazer tudo de novo, uma loucura. Isso não faz tanto tempo assim. Foi um salto brutal da comunicação.

O trabalho com as agências também foi modificado?

Como é que se pegava notícia de agência? Pelo telex, tinha um aparelho chamado telex. Nele não tinha maiúscula, nem minúscula, era tudo um corpo só. Não tinha acento. Então você tinha que “pentear” o telex, ou seja, marcar as maiúsculas, dar um traço onde tinha acento. Você tinha que ler matéria por matéria que chegava. Hoje não, é tudo mais fácil.

O jornalista hoje trabalha mais?

Não, digamos que ele não tem o mesmo trabalho de antes. Ele tem mais acesso à informação hoje, porque as notícias acontecem em tempo real. O trabalho dele é maior hoje, porque ele tem que selecionar mais as notícias, tem que filtrar mais. Porque a massa de informações é muito grande. O *Mercantil* trabalhou com a agência ANDA, Agência Nacional dos Diários Associados, e a gente dizia que ela

não andava nunca. Hoje não, você tem as agências convencionais. A gente assina a *Folha*, o *Estadão* e *O Globo*. Nós temos os sites de informação e é possível pesquisar a informação que se busca.

E o trabalho com a fotografia?

A fotografia era uma tragédia, porque você tinha que revelar a foto em uma câmara escura. Fazia-se um negativo, levava-se para a clichéria, fazia-se um clichê em cima de uma madeirinha, colava-se aquilo ali e encaixava no meio da página para montar. Aquela página era montada na clichéria. No tempo do off-set, você fazia aquela chapa e se colava também ali. Então, olha o tempo que demorava. Hoje não, a foto vem de uma máquina digital, é enviada pela Internet ou pelo computador. O fotógrafo chega aqui na redação, descarrega as fotos no computador, joga no banco de dados que se chama *foto bank*, Hoje você escolhe a foto pelo computador. Antigamente, você tinha aquele monte de foto em cima da mesa, o custo operacional era muito alto. Hoje o custo é bem menor.

Houve mudanças também na edição?

Sim, você tem meios de saber o que seu repórter está escrevendo, você tem acesso à matéria dele no sistema. Se a matéria estiver pronta, o editor dá uma olhada. Hoje não tem que riscar texto, é tudo virtual. A informática foi fantástica.

O repórter ficou mais eficiente, mas, de certa forma, ele ficou mais preguiçoso. Com a quantidade de informação que se tem hoje, ele apura menos do que apurava antigamente. Agora, como as redações operam hoje? Elas estão mais modernas. Hoje é muito mais fácil fazer jornal, não só por causa da informática. Hoje tem planejamento, antes não tinha. As redações eram solo, a turma da política fazia suas

matérias, a da economia as suas e entregavam para o editor deles. Estes, por sua vez, fechavam as páginas e, no final do dia, pegavam duas, três chamadas e entregavam para o editor-geral. Então, no final ficava o editor-geral e o diagramador da primeira página e escolhia-se as manchetes. Hoje não, hoje há planejamento. As redações se reúnem, você sabe que se você abrir bem um jornal, você vai fechar bem, mas se você não abrir bem, também não vai fechar bem. Aqui na *Tribuna* são três reuniões, todo dia, pela manhã, eu, Lílian Pace, (chefe-de redação) e Denise Gonçalves (editora-executiva), nos reunimos para discutir o que vai ser capa da *Tribuna*, qual vai ser nossa aposta do dia. Às três horas da tarde, Denise, junto com Lílian e alguns editores, se reúnem para ver como está o andamento das matérias. Às seis horas da tarde, nós temos outra reunião, para decidir o que vai entrar na primeira página, o que vai ser destaque. Mas já está definido, vamos confirmar nossa decisão ou não. Na segunda-feira, fazemos uma reunião para discutir as manchetes da semana. Então, a gente já sabe qual vai ser a manchete de domingo. Por quê? Para planejar, para dar tempo ao repórter de preparar a matéria, ele tem a semana inteira. Não tinha planejamento antigamente.

È melhor trabalhar hoje ou na época das máquinas de escrever?

Hoje é muito melhor. Eu tenho saudade imensa do meu tempo, da época que eu estava entrando na redação. Talvez por haver mais necessidades, a gente era mais amigo, mais próximo. Hoje você conversa pela intranet, é uma coisa absurda. Você tem uma matéria para mandar para mim, você me manda um correio, ao invés de falar comigo, mesmo que eu esteja próximo a você. É ridículo. Se eu preciso falar com você, mando um e-mail, mesmo que você esteja a dois metros de mim. É ridículo. Mas, por outro lado, facilita, porque, às vezes, eu tenho que mandar um

texto, a pessoa não precisa vir aqui para corrigir, ela faz isso no computador dela mesmo. A impessoalidade das redações aumentou. Nós saíamos do jornal e íamos para um bar. Hoje não, porque sai em grupo, cada editoria tem o seu horário para sair. Nós fazíamos jornal sábado, fazíamos um grande almoço, cada semana era um que bancava. Hoje não. A profissão ficou mais competitiva. O mercado trouxe muita concorrência, você ficou descartável. Se não é bom, tem outro para entrar no seu lugar. Tem 30 pessoas querendo sua vaga, acabei de receber hoje um e-mail de um jornalista português, pedindo emprego aqui na *Tribuna*. A globalização trouxe também as suas mazelas. Há competição. Alguns fatos, antigamente, você sabia no dia seguinte, podia publicar três dias depois. Hoje não, se o papa der um espirro meio fora do lugar, lá em Roma: “Bento está passando mal”. Você fica sabendo aqui em três minutos. Você tem hoje mais facilidades de trabalhar, mais ferramentas. Porque era um processo muito artesanal. Fumávamos todos, era charme, você dava uma tragada e pensava. Quando acabava a luz, você pegava uma vela e prendia na máquina. Hoje, se acabar a luz, complica. É claro que temos equipamentos para evitar complicações maiores, mas mesmo assim cai. Na máquina não, acabava a luz você continuava a escrever. Hoje praticamente todas as profissões ficaram escravas da tecnologia. Algumas coisas nos fazem emburrecer, como o ponto eletrônico. Nós tínhamos mais tempo para ler, para estudar, hoje ninguém lê Fernando Pessoa. O jornalista era uma pessoa mais erudita. Hoje ele é mais técnico. A qualidade pessoal eu não sei se melhorou, mais o processo - a palavra da moda é processo - o processo hoje é mais eficiente. Você faz jornal com mais eficiência, você erra menos hoje.

O repórter produz mais hoje?

O repórter produz mais, porque ele tem equipamento para produzir. O tráfego de informações naquele tempo era lento. Por exemplo, o *Diário Mercantil* e o *Diário da Tarde*, se você tivesse uma matéria que, por alguma razão, não daria para ser publicada hoje, você guardava para amanhã, para daqui a três dias. Hoje não, todo mundo sabe tudo na mesma hora. O jornal inclusive tem que dar o diferencial, ele tem que dar mais a repercussão, porque o fato em si já é notícia. Se acontecer um fato no domingo, na segunda você já sabe. Porque a televisão está em tempo integral, a Internet de minuto em minuto.

O conteúdo do jornal mudou?

O jornal hoje tem que ser diferente, ele não tem que ficar preso só ao factual. O jornal, quando começa a ser feito, já está velho. Ele já entra velho na banca, porque aconteceu ontem. O jornal é ontem, a informação de ontem já é velha.

A Internet é uma boa fonte?

A tecnologia reforçou a impessoalidade. Hoje, as pessoas conversam pelo *Messenger*, pelo *Orkut* e, junto com isso, veio muito lixo. A Internet é uma lixeira. Então, o que você tem que fazer é uma triagem. Mas não se assuste, porque quando Gutenberg montou a imprensa em 1492, mais ou menos, e começaram a produzir as primeiras publicações, teve um caos na Europa toda. As pessoas ficaram desesperadas, porque todo mundo queria publicar, todo mundo queria fazer o seu livro e com aquela complicação toda. Então, o desespero dos editores é o nosso desespero de hoje. Como arquivar tanta informação, tanto livro? Como é que eu vou arquivar tanta informação? Por assunto, por ordem alfabética, por ordem de chegada? As pessoas não sabiam o que elas iriam ler. Então, este tráfico de

informações que nós temos hoje na Internet e que nos assusta, assustou nossos ancestrais no século XVI. São os avanços tecnológicos, o quê fazer? Você tem que filtrar. Não há como termos acesso a todas as informações. Acesso até temos, mas como retê-las? Você pega uma palavra qualquer e faz uma busca na Internet, aparece uma série de páginas sobre o assunto. Se você digitar em um buscador o seu nome, vai aparecer alguma coisa, alguma coisa sua, que, às vezes, você até desconhece.

Ficou mais fácil fazer jornalismo hoje?

Hoje é mais fácil trabalhar, o que você não pode achar é: “ah no meu tempo era melhor!” Não é porque no seu tempo era melhor que você hoje pode ficar parado. Você vai surfar de acordo com a onda, independentemente da idade que você tenha. Mas o que não podemos perder de vista é que, apesar dos mais maravilhosos avanços da tecnologia, o essencial é o humano.